

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O TROVEJAR DOS TRATORES NOS CAMPOS AGRÍCOLAS  
AMERICANOS: N'AS VINHAS DA IRA 1939



Lílian Alexssandra Ferreira

NATAL/RN  
2005

Lilian Alexssandra Ferreira



# O TROVEJAR DOS TRATORES NOS CAMPOS AGRÍCOLAS AMERICANO: N'AS VINHAS DA IRA 1939

Monografia apresentada à disciplina  
Pesquisa Histórica II, do curso de  
História da Universidade Federal do  
Rio Grande do Norte, sob a  
orientação do Prof. Dr. Raimundo  
Arrais.

NATAL/RN  
2005

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu pai e minha irmã, Lúcia Andréa, por todo apoio dado em praticamente tudo.

À minha irmãzinha Giu por estar sempre levantando meu astral e pela companhia.

Ao Prof. Raimundo Arrais pela compreensão e benevolência em compreender as dificuldades que cada aluno enfrenta. E, principalmente, pela grande força ao emprestar praticamente todos os livros analisados.

À minhas amigas Andréia, Viviane e Patrícia pela força oferecida nos momentos mais cruciais. Em particular à Cristina Grimaldi pelas palavras de fé e coragem. E a todos os amigos que em algum momento me apoiaram.

“Todas as pessoas possuem algo imenso e majestoso e que compartilham com os demais, algo mais vasto que o céu, maior que a terra, mais brilhante que as estrelas e mais profundo que o mar – o espírito humano”.

José Martí  
Defensor da Independência cubana

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>1. UMA ANÁLISE DISCURSIVA: LITERATURA E HISTÓRIA</b>	<b>9</b>
<b>2. O ESCRITOR NO SEU TEMPO</b>	<b>17</b>
<b>3. AS TRANSFORMAÇÕES DAS TERRAS DO CENTRO-OESTE DOS ESTADOS UNIDOS</b>	<b>27</b>
<b>4. OS DESTERRADOS DA AMÉRICA</b>	<b>41</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>53</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A década de 1930, nos Estados Unidos, foi um período caracterizado pela recessão e miséria – embora houvesse um excedente na produção alimentícia e de produtos duráveis. Segundo Allan Nevins e Henry S. Commager, a Grande Depressão iniciada em 24 outubro de 1929: “Não teve precedentes em duração e na pobreza e tragédia que indiscriminadamente infligiu à sociedade”<sup>1</sup>. Multidões de pessoas vagavam nas ruas à procura de trabalho, casas comerciais faliam, bancos fechavam e os agricultores eram obrigados a jogar fora a produção excedente, para segurar os preços dos alimentos agrícolas. Várias medidas foram tomadas com intuito de conter a crise financeira que se alastrava pelo país. Entretanto, essa se manifestou de uma maneira lenta e dolorosa.

Para o romancista norte-americano John Steinbeck, a Depressão da década de 1930 não abalou somente a estrutura econômica e política dos Estados Unidos, mas também toda uma noção de valores e de moral que edificaram aquela sociedade. *N'As Vinhas da Ira* publicado em 1939, objeto de análise deste trabalho, observamos, através da saga da família Joad, todo um processo de mutabilidade não só das estruturas, mas, principalmente, dos indivíduos. Ao ser expulsa de sua terra, situada em Oklahoma, devido à seca, vendavais e a mecanização dos campos, a família Joad não sentia apenas que estava perdendo a terra (testemunha de todo os seus sofrimentos, angustias, alegrias e sonhos), mas a vida em todos os seus sentidos. Milhares de famílias tiveram suas terras tomadas por bancos e “empresas agrícolas”, que já vinham se alastrando pelo país desde a década de 1920. Não tendo outra alternativa, então, as famílias caminhavam em êxodo em seus calhambeques rumo a Califórnia, a Terra Prometida (que já havia sido dominada pelas “empresas agrícolas”); de onde vinham notícias de que se precisava de trabalhadores para as colheitas e, que havia terras em abundância. No entanto, quando estas famílias chegavam à região da Califórnia só encontravam hostilidade, violência e miséria.

Nesse romance, Steinbeck construiu um manifesto contra as injustiças engendradas por um sistema desumano, que alegava fazer tudo em prol de um bem maior, mas que na verdade visava apenas atender as exigências de uma minoria (os grandes proprietários). Ele demonstrou não só ser contra aos métodos adotados para conter a crise, mas também contra como estes últimos estavam sendo aplicados – uma vez que não privava os meeiros apenas

---

<sup>1</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry S. *Breve história dos Estados Unidos*. 2. ed. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1986. v. 39, p. 455.

dos meios básicos de sobrevivência, mas também da sua liberdade e capacidade de reagir contra aquele sistema. No capítulo 21, ele bradou contra o sistema com as seguintes palavras:

Os campos estavam prenhes de frutas, mas nas estradas marchavam homens que morriam de fome. Os celeiros repletos, mas as crianças pobres cresciam raquíticas. Em seus peitos intumesciam as pústulas escrufulosas. As grandes companhias não sabiam o quão tênue era linha divisória entre a fome e a ira. E o dinheiro que podia ter sido empregado em melhores salários era gasto em bombas de gás, em carabinas, em agentes e espiões, e em listas negras e em exércitos armados. Nas estradas os homens locomoviam-se qual formigas, à procura de trabalho e de comida. E a ira começava a fermentar.<sup>2</sup>

*As Vinhas da Ira* nos apresenta um discurso que não tem nada de neutro. Ao contrário, se engajou nas questões sociais, centrou-se na luta dos excluídos daquele período. O autor se mostrou indignado com a maneira como os proprietários se aproveitavam da situação dos meeiros, que já chegavam desesperados por um trabalho, e pela condição de miséria que lhes foi imposta. E parecia querer alertar àquela sociedade sobre um perigo social, a pobreza, que se tornava cada vez mais candente.

O autor procurou estabelecer um paradoxo entre a vida e a arte, levando em conta todos os aspectos que produzem as relações entre o indivíduo e a sociedade, e o homem em sua totalidade, como um ser social e espiritual. Como já havia escrito muitos trabalhos (antes de escrever o romance) para o jornal *San Francisco News*, sobre a situação dos meeiros na região da Califórnia, Steinbeck utilizou-se dessa experiência jornalística para produzir um romance com o propósito de representar as conseqüências de um sistema desumano ou os atos desumanos do homem para com o seu próximo. Com isso, notamos que o discurso adotado pelo autor almejava atingir os leitores, procurando lhes chamar a atenção para uma questão que se mostrava pertinente nesse período e que teria conseqüências irremediáveis na sociedade, caso não fossem tomadas às medidas necessárias e corretas que a situação exigia.

Nesse sentido, o campo teórico em que procuramos analisar esse romance é a História Cultural, que através da multiplicidade temática e de objetos, nos possibilita estabelecer relações pertinentes entre História e Literatura. Pois ambas produzem através da linguagem o complexo jogo de relações entre o indivíduo e a sociedade e, conseqüentemente, atuam também como o próprio agente transformador dessa relação. A Literatura, como afirma, Nicolau Sevcenko,

---

<sup>2</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 353.

É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustados. Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social.<sup>3</sup>

Através da literatura o escritor tem a liberdade de criar o discurso não só como um testemunho da sociedade, reafirmando os aspectos já delineados pela história, mas de revelar fatos que muitas vezes esta última não pode observar com mais sensibilidade e profundidade. O romance *As Vinhas da Ira*, por sua vez, nos apresenta um discurso em termos que ultrapassam a simples estética literária, isto é, converteu-se no espaço onde o escritor se manifestou contra uma ordem vigente que impedia o indivíduo de usufruir uma condição básica e essencial de todo o ser humano, os meios de sobrevivência e a liberdade de pensar. Steinbeck procurou criar um discurso que ligava o indivíduo ao coletivo, tomando para si a responsabilidade não só de representar os fatos, mas também de manifestar sua visão de mundo e o desejo de modificá-lo. Para Benoît Denis “... toda obra literária, qualquer que seja a sua natureza e a sua qualidade, é engajada, no sentido em que ela é portadora de uma visão do mundo situada e onde, queira ela ou não, se revela assim impregnada de posição e escolha”<sup>4</sup>. Ou seja, toda a obra literária tem uma finalidade, conscientemente ou inconscientemente, que ultrapassa as barreiras estéticas e os paradigmas estabelecidos pela sociedade, e que renuncia a simples condição de linguagem artística.

No entanto, a literatura não deve ser tomada como um testemunho absoluto; o historiador deve utilizá-la como mais uma fonte, que lhe permite entrar em sintonia com o tempo da escrita. A História vem se relacionar com literatura com o objetivo de dar significado ao discurso por ela produzido e não de procurar uma narrativa verídica ou absoluta. Segundo Sandra J. Pesavento: “Para a História Cultural, a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real”<sup>5</sup>.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar, através da análise do romance *As Vinhas da Ira*, de John Steinbeck, no primeiro momento entender como se dá a relação teórica entre Literatura e História. Assim, procurando compreender o que a ficção pode fornecer ao

---

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 20.

<sup>4</sup> DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 36.

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 80.



historiador; como a Literatura pode ser utilizada como fonte para os historiadores, apresentando, dessa maneira, aspectos que são pertinentes em relação ao autor e relacionando a obra analisada com outros trabalhos produzidos pelo mesmo. Em seguida, analisaremos o ambiente em que se inseriu a obra e como se deu à formação do escritor naquela sociedade, que se encontrava em plena crise não só do sistema econômico e político, mas também do valor humano. E no último momento, procura-se compreender como o autor apresentou a relação do indivíduo com o lugar – qual o sentido da terra na concepção dos meeiros e o que a perda dessa terra representou na vida deles; e como a migração, a grande jornada em direção à Terra Prometida (a Califórnia), afetou as suas vidas na sua percepção do mundo e como indivíduos.

Para realizarmos essa pesquisa pretendemos entender como a relação entre História e Literatura é relevante no intuito de dar uma nova visão dos fatos e, como os historiadores podem utilizar uma gama de textos procurando relacioná-los e contrastá-los para uma melhor inteligibilidade dos processos que produzem e modificam a sociedade em geral. Finalmente, analisaremos como Steinbeck representou a sua sociedade e o seu tempo, apresentando os fatos mais candentes que afligiam a sociedade e o indivíduo em sua totalidade.

# 1. UMA ANÁLISE DISCURSIVA: LITERATURA E HISTÓRIA

Como o presente trabalho parte da análise de uma produção discursiva, a Literatura, torna-se necessário elucidarmos o campo conceitual em que esta se insere, a *História Cultural*. Sandra Jatahy Pesavento observa:

“História Cultural, debruça-se ela sobre a escrita do texto, sobre a edição do livro ou sobre a leitura, permite reconstruir o passado como objeto de pesquisa, tentar atingir a percepção dos indivíduos no tempo, quais são seus valores, aspirações, modelos, ambições e temores. Permite, inclusive pensar a descontinuidade da História e a diferença, pondo tanto o historiador como o leitor diante de uma alteridade de sentidos diante do mundo”<sup>6</sup>.

As várias formas de análise discursiva nos proporcionam uma gama de produção e de leituras, que nos faz perceber as diversas perspectivas que se engendram para compreender a sociedade seus símbolos e representações; e cabe ao historiador ou escritor organizá-las e recombina-las para obter uma melhor inteligibilidade. A História e a Literatura, nesse sentido, nos fornecem através das palavras escritas uma reformulação do tempo, procurando representar o indivíduo, um grupo ou classes – seus pensamentos, suas ações e suas inquietudes num determinado tempo. Ambas não esgotam a realidade, pelo contrário, procuram através de planos diferentes e por meio da narrativa se aproximarem do real.

Como uma das correntes trilhadas pela História Cultural, a literatura vem auxiliar a historiografia possibilitando o historiador adquirir uma visão coerente com o período analisado. A literatura se apresenta como uma testemunha da sociedade, revelando todas as tensões que permeiam a vida dos indivíduos, grupos ou classes. No entanto, de acordo com Pesavento “o historiador não busca nela a verdade de um outro tempo, vindo no discurso de ficção a possibilidade de acessar o passado, mas a concepção de passado formulada no tempo da escritura”<sup>7</sup>. O autor e sua época se apresentam como um dos pontos-chaves para compreendermos a narrativa e suas tendências.

A literatura proporciona ao historiador observar as controvérsias internas com mais profundidade. E a história, apesar de estipular regras e categorias, representa uma imagem de vida, que na verdade parte do imaginário. Segundo Lloyd S. Kramer, “a dimensão fictícia e imaginária de todos os relatos de acontecimentos não significa que eles não tenham realmente

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*, p. 71.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 83.

acontecido, mas, sim, que qualquer tentativa de *descrever* os acontecimentos (mesmo enquanto estão ocorrendo) deve levar em conta diferentes formas de imaginação”<sup>8</sup>. Tanto a história como a literatura não devem se basear em concepções estáticas da realidade, mas sim em várias concepções corretas que possuem seus próprios estilos de representação. O estudo literário, por sua vez, não vem tomar o lugar da história, mas sim auxiliá-la a perceber fatos históricos que muitas vezes não se apresentam de maneira tão profunda quanto à descrita pelo escritor literário – que transpõe as sensibilidades de uma época no texto.

Para Roger Chartier, é através da *prática* e da *ação* de uma classe ou grupos que podemos reconhecer a produção e o consumo social – o que, por sua vez, dá sentido as *representações* sociais. Nesse sentido, ele observa que a História Cultural nos dá a possibilidade de: “identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”<sup>9</sup>. Para compreendermos as representações do mundo social, devemos observar quais os discursos proferidos pelos grupos de interesses, geradores das mesmas representações. O que nos fornece, assim, uma variedade de caminhos para apreendermos o mundo social.

A História Cultural, segundo a visão de Chartier, possibilita percebermos o mundo social através das perspectivas de seus próprios atores (embora não tenham reconhecimento disto), isto é, das representações do mundo (social, político ou cultural) forjadas pelas classes ou grupos sociais em contraste, os quais, nos auxiliam intervindo com diferentes formas de assimilar o mundo real – por via de discursos, ideologias ou imagens. De acordo com Chartier, as lutas de representação proporcionadas pelas classes ou grupos sociais: “têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”<sup>10</sup>.

Era assim que Steinbeck procurava perceber o mundo. Desde o período da faculdade, quando passava as férias trabalhando em colheitas e na usina Spreckles (onde seu pai trabalhava) – que serviam como um meio de fugir do domínio da sua mãe –, ele aproveitava para entrar em contato com os trabalhadores itinerantes mexicanos e filipinos ouvindo suas histórias e os observando. Para Jay Parini foram esses mesmos “trabalhadores itinerantes que acabaram se tornando o tema de *Ratos e homens* (1937)”, romance que relata a vida de homens arruinados à procura de qualquer trabalho nas fazendas. Ou seja, Steinbeck retirava

<sup>8</sup> HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 136.

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 16-17.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 17.

de suas experiências todo tipo de valor criativo, o que o levou a ser caracterizado como escritor de estilo realista, que tentava descrever a realidade da "maneira mais clara possível!"

No entanto, com seu amigo Edward F. Ricketts, que conheceu em Monterey em 1930 – num dos seus momentos de refúgio da crise que arrastava o país –, Steinbeck começou a ter mais acesso aos conhecimentos da vida marinha (assunto que lhe despertava interesse desde a época da faculdade), o que influenciou muito a sua concepção científica sobre o ser humano. Steinbeck ficava horas observando e conversando com Ricketts no laboratório Pacific Biological (que armazenava e oferecia amostras de seres marinhos para as faculdades e ginásios), sobre a vida marinha e a sua semelhança com a vida dos homens. Foi o período em que ele aprofundou mais seus conhecimentos em relação aos estudos sobre biologia, lendo autores como: William Emerson, John Eloy Boodin e J. S. Haldane. Com esses estudos Steinbeck formulou uma concepção próxima dos postulados da ciência. Segundo Parini, “a tese central de Steinbeck é de que os homens em grupo, como todas as unidades compostas de partes individuais, parecem ligar-se a um espírito ou vontade maior que existe em algum ponto além da reação individual”<sup>11</sup>.

Para Steinbeck o homem só ganhava força e significado quando era inserido numa unidade maior que um só indivíduo. Ou seja, era em grupo que o homem conseguiria sobreviver às adversidades e ao sistema castrador imposto pela sociedade. Steinbeck afirmava: “O homem é uma unidade das feras maiores, a falange”<sup>12</sup>. Uma teoria que podemos observar em muitas de suas produções, que parece querer orientar àquela sociedade como agir diante das adversidades. No romance *As Vinhas da Ira* (1939), o porta voz dessa concepção é o ex-pregador Casy, que em crise moral e espiritual procurava refletir sobre todas as aflições e angustias que atormentavam o ser humano

E eu fiquei pensando, só que não era bem pensando, era mais profundo que o simples pensar. Fiquei cismado em como é que nós éramos sagrados quando éramos uma só coisa, e o gênero humano era sagrado quando era uma só coisa. E só deixava de ser sagrado quando um mísero camarada cerrava os dentes e seguia o seu caminho, batendo os pés, aos arrancos, lutando. Camaradas assim perturbam a santidade. Mas quando eles agem em conjunto, não um para o outro, mas um camarada só para toda a comunidade – aí sim, aí está tudo certo, é sagrado.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> PARINI, Jay. *John Steinbeck: uma biografia*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998. p.132.

<sup>12</sup> Ibid., p. 133.

<sup>13</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 100.



O ex-pregador, não representava um profeta designado por Deus, que tinha como função levar os filhos de Oklahoma à Terra Prometida; pelo contrário, ele seguiu os Joad com o objetivo de entender o que se passava com a sociedade e procurava dar significado a existência dos indivíduos. Com isso, percebemos que essa amizade com Ricketts foi muito relevante em relação a essas concepções de pretensões científicas. De acordo com Parini,

Steinbeck admirava a capacidade que tinha Ricketts de mudar sua conversa da natureza dos seres invertebrados para a personalidade dessa ou daquela prostituta em um dos bordéis do cais. Também admirava o lado social de Ricketts, sobretudo sua capacidade de circular entre os pescadores e paus-d'água com tanta facilidade quanto em meio a cientistas e empresários.<sup>14</sup>

E muitas vezes depois do trabalho no laboratório ambos infiltravam-se nas ruas de Monterey, principalmente, em Canney Row, penetrando na vida de seus moradores e procurando ouvir as suas angustias e lamentações. Características que podemos observar em muitos escritores denominados naturalistas (como Zola), que contra uma literatura elitista (o romance) procuravam mostrar tudo que trouxesse a verdade à tona: o ser humano no seu estado mais degradante possível e relacioná-lo com alguma acepção de cunho científico. romãntica)

Nesse sentido, seus romances não apresentaram só uma simples descrição do real, associada às fantasias, podemos perceber que ele trabalhou seus personagens buscando o ser humano em sua totalidade: um ser social, que tem capacidade de produzir e modificar a sua sociedade; um ser irracional, que possui um instinto animal que o leva a ter atitudes incontroláveis; e o ser espiritual, que possui uma força interior capaz de ultrapassar qualquer situação degradante e de agir de maneira inesperada. Ele tentava observar os homens nas situações mais candentes e dar um significado racional para as suas atitudes.

No romance *Boêmios Errantes* (Tortilla Flat) de 1935, que se passa na região de Monterey, na Califórnia, de início foi rejeitado pelas editoras, mas acabou se tornando o primeiro sucesso do romancista – chegando a ganhar o prêmio do Clube da Comunidade da Califórnia de melhor romance de 1935, a ser filmado pela Paramount e ganhar uma peça na Broadway – onde Steinbeck retratou a miséria da sociedade no período de Depressão, criticou o modo de vida da burguesia (onde a aparência era tudo), e apresentou personagens da maneira mais profunda possível: onde o grupo de Danny, paisanos que lutavam a cada dia por comida e vinho, principalmente pelo último, estabeleceram um código de amizade que não poderia ser quebrado – embora tenham o fixado por motivos tortuosos. De início o grupo se

<sup>14</sup> PARINI, Jay. *John Steinbeck: uma biografia*, p. 131.

falta explicitar mais os elementos de linguagem,  
o intelectual engajado { rumo a dar dimes (esta tem a ver) (Garcia)  
do mundo de mundo { intelectual e o Estado; e molesta do e o socialismo  
aspectos gerais -> crítica aos literários, realismo.

preocupava em satisfazer seus próprios prazeres e necessidades, não importava como (roubando, enganando ou aproveitando-se da bondade alheia), movidos pelos seus instintos mais decadentes. Mas com o tempo, Steinbeck mostrou uma modificação no ser desses paisanos, que apesar de se aproximarem das pessoas com segundas intenções, como foi o caso da relação com o mendigo Pirata, demonstraram um grande valor humano ao ajudar o mesmo a cumprir uma promessa. Além disso, ao darem auxílio a uma senhora e seus netos que passavam fome, o autor apresentou através desses paisanos, a sua tese de que o homem deve se unir numa só "grande alma", o espírito humano.

Entretanto, *Boêmios errantes* ainda não se apresentava como um romance engajado. Ao contrário, apesar de ter relatado a situação de miséria na região de Monterey na década de 1930, Steinbeck tentou representar a realidade produzindo um enredo sem se preocupar ainda com as questões sociais e de denúncia.

No romance *As Vinhas da Ira* (1939), por sua vez, o autor produziu uma literatura que pretendeu representar um período consciente dos movimentos sociais e das tendências que dominavam a sociedade norte-americana. Steinbeck procurou criticar um sistema econômico e político desumano, que tirava toda a dignidade do homem e apresentou uma sociedade em plena decadência não só de valores, mas também do espírito humano. Além disso, forneceu uma outra possível visão e representação dos acontecimentos da década de 1930, nos Estados Unidos, e também nos ajuda a recorrer a outras concepções como formas diferenciadas de inteligibilidade.

A análise do romance não se apresenta como um discurso neutro onde só a linguagem age. Para Roland Barthes "lingüisticamente, o autor nunca é mais do que aquele que escreve, assim como 'eu' outra coisa não é senão aquele que diz 'eu': a linguagem conhece um 'sujeito', não uma 'pessoa', e esse sujeito, vazio fora da enunciação que o define, basta para "sustentar" a linguagem, isto é, para exauri-la"<sup>15</sup>. Ou seja, não devemos reduzir a explicação da obra às condições histórica ou biográfica do autor, pois a linguagem é soberana por si só, não há necessidade de preenchê-la com a pessoa do interlocutor.

No entanto, podemos perceber que o romance *As Vinhas da Ira*, não se apresenta só como uma enunciação lingüística vazia e dissociada de qualquer voz. A literatura não serve apenas para representar o homem em todos os sentidos (histórico, experiências, conhecimentos, social, político e econômico), mas também para lhes mostrar conscientemente ou subconscientemente determinados valores – agindo na percepção do homem sobre os

<sup>15</sup> BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 60.

qual texto?

o leitor?  
onde se?

existem  
no nível  
político?  
o lugar do  
indivíduo

acontecimentos. Na opinião de Flávio Loureiro Chaves, “a arte literária faz história porque participa do processo de pré-formação e motivação do comportamento social do leitor, passando-lhe normas que são padrões de atuação ou modelos de ação”<sup>16</sup>. Ou seja, a literatura influencia o leitor, na medida em que procura introduzir normas ou valores antes estabelecidos pela sociedade, tentando modificá-las ou reafirmá-las.

John Steinbeck, em *As Vinhas da Ira*, não elaborou apenas uma crítica à economia e política vigente na década de 1930; procurou mostrar que a sociedade americana tinha esquecido dos valores e da moral em que os Estados Unidos teriam sido edificados. O autor apresentou uma obra extremamente preocupada com o social, totalmente engajada socialmente, no sentido de propor não só uma visão de mundo e reforçar valores, mas também de procurar dar sentido ao real e modificá-lo. Apesar de ter sido acusado de revolucionário e comunista Steinbeck sempre procurou deixar bem clara sua posição. No artigo jornalístico intitulado *Sou um revolucionário*, percebemos que o autor escreveu indignado não só com o poder vigente, mas também com o Partido Comunista, pois para o autor ambos atuavam como castradores do indivíduo

A individualidade deve ser destruída porque é perigosa para todos os planos reacionários, já que o indivíduo é criativo e a criatividade, fora do padrão estreito do status quo, não pode ser tolerada. A criatividade tem seu alicerce na inspeção, na crítica e na organização e tudo isso é anátema para reação. O pensamento, que é propriedade exclusiva do indivíduo, precisa ser erradicado. O cérebro humano individual trabalhando sozinho é o único órgão criativo da natureza. A reação tem de fazer sua opção – precisa eliminar o questionamento e a crítica como perigosos, já que sistemas assim precisam proteger-se de um exame cuidadoso. Mas ao eliminar o indivíduo, também abrem mão do trabalho do indivíduo. Devem abrir mão da literatura, da música, da arte. Mas devem também abrir mão da versatilidade.<sup>17</sup>

O autor se mostrou nesse artigo e em muitas obras, como *As Vinhas da Ira*, revoltado com um sistema que restringia o indivíduo fisicamente e mentalmente, que não procurava somente eliminar a capacidade do indivíduo de pensar, mas também de agir livremente – era contrário a um sistema que impunha ao indivíduo a agir de acordo com as normas estabelecidas. Steinbeck afirmou: “Sou contrário a essas pressões e restrições, não importa se surgem em meu próprio país ou em outro qualquer”<sup>18</sup>. Ou seja, Steinbeck, produziu o

<sup>16</sup> CHAVES, Flávio Loureiro; BATISTA, Elisa (Org.). *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educus, 2004. p. 65.

<sup>17</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: e ensaios selecionados*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 120.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 120.

romance *As Vinhas da Ira*, procurando relacionar a literatura com o social e o político, e participando totalmente na sua construção. // Desse modo, refutando a concepção de Barthes de que a narrativa não passa de uma enunciação lingüística vazia do “eu”, do autor. // Além disso, para Regina Dalcastgnè: “Os fatos narrados não passam de versões dos fatos, que estão sujeitos a interpretações carregadas de preconceitos e ideologicamente contaminados, e cabe a nós a responsabilidade de escolher a interpretação (verdades) que ajude a esclarecer os mesmos”<sup>19</sup>. Ou seja, não há imparcialidade naqueles que produzem os discursos sobre a realidade social. Contudo, não se deve afirmar que a história equivale à literatura. Ambas representam a realidade de forma diferente, com aproximações mais ou menos precisas e significativas.

Assim, não podemos negligenciar os artigos jornalísticos que Steinbeck produziu com intuito de denunciar as más condições em que eram tratados os migrantes, na região da Califórnia. Ele se empenhou com afinco em se inteirar de todos os problemas que estavam ocorrendo com os migrantes na região da Califórnia: viajando num velho caminhão de padaria, procurou entrar em contato com alguns acampamentos de posseiros onde viu a crua e desumana realidade em que se encontravam várias famílias de meeiros. No artigo jornalístico *Os ciganos da colheita: acampamento de posseiros*, Steinbeck retratou o ambiente em que as famílias se instalavam, mostrando como as suas vidas iam, aos poucos, se degenerando. Na primeira fase a família ainda tinha uma certa dignidade e seu espírito ainda não tinha se abatido:

Eis uma casa construída por uma família que tentou manter uma certa arrumação. A casa tem cerca de três por três metros e é inteiramente feita de papelão corrugado. O teto é pontudo, as paredes são pregadas a uma estrutura de madeira. O chão de terra está varrido e limpo e, ao longo do canal de irrigação ou do rio lamacento, a mãe de família esfrega as roupas sem sabão e tenta enxaguar a lama na água enlameada.<sup>20</sup>

Embora não pudesse mais gastar o dinheiro com sabão, nessa fase a família ainda se preocupava em preservar uma aparência digna. No entanto, Steinbeck observou que a falta de dinheiro, para comprar o alimento e as roupas, e em seguida a doença e a morte, com o tempo fazia sumir toda a dignidade e valores que edificaram a mesma família. Através dessa experiência podemos perceber que Steinbeck procurou fazer um paralelo entre sua obra e os

<sup>19</sup> DALCASTGÈ, Regina. Da senzala ao cortiço: história e literatura em Aluisio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo: Contexto, 2001. v. 21. n°42. p. 485.

<sup>20</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos*: e ensaios selecionados, p. 105.



seus artigos jornalísticos. Ou seja, ele criou o romance *As Vinhas da Ira*, incorporando os fatos reais, que presenciou pessoalmente por meio do trabalho jornalístico sobre a migração, dando assim ao discurso um valor único e rico em detalhes. Maria Elisa Cevasco, por sua vez, na sua obra *Dez lições sobre estudos culturais*, vem corroborar a concepção de Raymond Williams sobre a importância da cultura na produção e reprodução da realidade afirmando:

Um dos achados centrais do materialismo cultural segundo Williams é demonstrar que a posição costumeira entre literatura e realidade, cultura e sociedade mascara sua profunda interconexão: não se pode analisar uma sem a outra, e nem mesmo conceber uma literatura sem a realidade que ela produz e reproduz, ou, pela mesma via, uma sociedade sem a cultura que define seu modo de vida.<sup>21</sup>

A literatura não pode ser estudada como um objeto fora da realidade, que se utiliza só do fantasia para produzir o discurso ou que possui uma linguagem autônoma (sem a atuação do autor), pois há entre as duas uma relação intrínseca, uma vem dar sentido a outra. E o escritor ou o historiador que tem a função de mobilizar, organizar e contrapor as idéias; educando, assim, os leitores do seu tempo, como afirma Cevasco, para “entender as formações sociais e culturais que se inscrevem nessas práticas”<sup>22</sup>.

A Depressão, que perdurou na década de 1930, atuou como um agente modificador da consciência. Embora, alguns autores já estivessem há algum tempo fazendo ficções políticas, foi nesse período que houve uma maior atuação dos escritores e artistas em geral com intuito de unir as classes trabalhadores, procurando introduzir a concepção de consciência de classe e criar um vínculo de solidariedade entre as massas. Steinbeck como John dos Passos, dentre outros, foram figuras determinantes nessa nova linha de pensamento – que almejava uma maior consciência política dos trabalhadores, cultivando valores democráticos de igualdade social e racial.

Por fim, o estudo do discurso literário não deve ser concebido como uma cópia inerte e absoluta da realidade, onde não há meios de se contestar as idéias formuladas; pelo contrário, ele é uma representação do real que ao ampliar o seu mundo abrindo-se aos outros discursos permite não só ser contestada, mas também enriquece a discussão sobre a escrita em geral. E é por meio desses discursos que o escritor vem dar mais inteligibilidade aos acontecimentos, produzindo uma linguagem que engloba todas as tensões, concepções, valores e normas edificadas pela sociedade de seu tempo.

<sup>21</sup> CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. 1. ed. São Paulo: Ed. Boitempo, 2003. p. 150.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 152.

## 2. O ESCRITOR NO SEU TEMPO

John Steinbeck nasceu em 27 de fevereiro de 1902, em Salinas, na Califórnia. Nesse período, os Estados Unidos se encontravam num momento relativamente tranqüilo, em expansão e desenvolvimento. Theodore Roosevelt (1901-1909) assumiu a presidência e, segundo Allan Nevins e Henry S. Commager:

Incorporou  
ao  
texto.

Em um ano Roosevelt mostrou que compreendia as grandes mudanças que varriam os Estados Unidos e dava a entender que trataria como estadista. Não era um radical, mas um conservador esclarecido; não queria revolucionar o sistema econômico existente, mas livrá-lo dos abusos que o consumiam. Estava determinado a provar que o governo detinha a supremacia em relação aos negócios e a tratar com mais igualdade ao homem comum<sup>23</sup>.

Um período, portanto, considerado por alguns historiadores como otimista, politicamente e economicamente. [A Califórnia, por sua vez, uma região que outrora fora ocupada por espanhóis, mexicanos e tinha servido como palco de uma das mais frenéticas corridas pelo ouro, ainda tinha seus atrativos. Como uma das fronteiras distante dos Estados Unidos, exercia uma certa atração devido a sua história.] No período que a família Steinbeck se fixara nessa região a produção agrícola já se encontrava em franco desenvolvimento. Contudo, os pais de Steinbeck, John Ernst Steinbeck e Olive Steinbeck, apesar de pertencerem a famílias de fazendeiros, almejavam dar aos filhos uma vida culta, que lhes proporcionasse um futuro brilhante. Com isso, se instalaram em Salinas, numa casa grande e de pomposa, localizada na próspera avenida Central, e tornaram-se membros da sociedade burguesa local. O pai vivia com problemas financeiros, não conseguia se firmar em nenhum negócio e se mostrava, para consternação de Steinbeck, um homem emocionalmente retraído e deprimido. A mãe, por sua vez, era uma mulher rude e exigente. Segundo Jay Parini, a senhora Steinbeck “muitas vezes manifestava seu desprezo por John Ernst”<sup>24</sup>, devido à atitude do marido de se isolar quando se encontrava em crise financeira. Para Steinbeck, um menino que considerava o pai um modelo, era insuportável vê-lo nessa posição ridicularizada.

No entanto, a opressão da mãe se manifestava mais ainda em relação à educação e sobre as perspectiva de um futuro brilhante para seu primogênito. Olive sentava o filho na sala de visita e o fazia ler, rodeando-o ansiosamente e gritando com ele, quando não conseguia o resultado esperado. Para Steinbeck, de acordo com Parini, “uma criança tímida e

<sup>23</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry S. *Breve história dos Estados Unido*, p. 387.

<sup>24</sup> PARINI, Jay. *John Steinbeck: uma biografia*, p. 29.

insegura”<sup>25</sup> era uma tortura. Contudo, Steinbeck mostrou seu talento desde os primeiros anos de escola e no ensino secundário, que foram cursados numa unidade militar, onde foi co-editor do livro do ano, o que deixou sua mãe orgulhosa. No ginásio já demonstrava seu interesse por escrever. Era conhecido como o escritor, aquele que adorava contar histórias fantásticas. E parece que também escreveu sozinho um trecho para o livro do ano. Ao terminar o Ginásio, em 1919, sua mãe logo o pressionou a cursar uma faculdade e se formar em direito. E seu pai, por sua vez, queria que Steinbeck cursasse engenharia. Entretanto, ele insistiu em escolher seu rumo e os pais depois de muita pressão acabaram cedendo.

A sua temporada na faculdade, contudo, não foi uma das melhores, pois não conseguia se adequar ao regime acadêmico. A primeira temporada em Stanford se deu aos trancos e barrancos. Nas férias sempre voltava para casa, e seu pai conseguia algum emprego temporário nas fazendas próximas ou na empresa que trabalhava, na usina açucareira chamada Spreckles. Foi nesses trabalhos que Steinbeck teve seus primeiros contatos com os trabalhadores itinerantes: anglo-saxônicos, mexicanos e filipinos. Contatos que lhe aguçaram a imaginação, principalmente, com os mexicanos que mais tarde apareceram em *Boêmios Errantes* (1935) e mais tarde se tornaram também tema de *Ratos e Homens* (1937). Ao voltar para faculdade, após essa temporada de trabalhos pesados, todavia, não conseguia frequentar as aulas e passava boa parte do tempo na biblioteca lendo ou trabalhando em suas histórias juvenis.

No final de novembro de 1920, decidiu abandonar a universidade pela primeira vez e foi para São Francisco, que tinha o principal centro portuário da região oeste nesse período, com o objetivo de conseguir um emprego num dos navios que fossem para o Extremo Oriente. Mas, seu sonho não foi realizado e passou algum tempo trabalhando como balconista na loja de departamento Capwell. E, por fim, acabou voltando para casa.

Steinbeck retornou a Salinas, e seu pai arranhou emprego nas fazendas da Spreckles, onde carregou pesados sacos de aniagem cheios de beterraba, dormiu em barrancos e atuou como capataz de uma turma de trabalhadores mexicanos. Um período de trabalhos cansativos, mas que posteriormente lhe serviram para desenvolver suas obras, pois depois do trabalho ele ficava horas ouvindo as histórias dos migrantes mexicanos e fazendo perguntas.

Nesse período, ocorreu um rápido desenvolvimento econômico nos Estados Unidos, que afetou todas as esferas da sociedade. No entanto, segundo Arthur S. Link e William B. Catton, “a prosperidade de 1919-1929 é mais urbana do que geral, confinada mais a certas

<sup>25</sup> PARINI, Jay. *John Steinbeck: uma biografia*, p. 36.

indústrias do que a outras”<sup>26</sup>. Houve uma grande revolução tecnológica, ascensão de novas indústrias (automobilísticas, elétrica, maquinaria, radiofônica, aeronáutica e cinematográfica) e ficou conhecida como a Era do “Big Business” – empresas não-financeiras tiveram um crescimento extraordinário, que através de fusões passaram a controlar boa parte da renda em toda a década de 1920. Na agricultura, com a utilização de tratores houve um aumento na produção e redução dos gastos com a mão-de-obra. Parecia que toda a sociedade desfrutava de um período de abundância e desafogo econômico. //

No entanto, para Steinbeck essas mudanças não foram sentidas, pois vagava pela região de Salinas como muitos migrantes desempregados, de fazenda em fazenda, em busca de salário. Para os agricultores, a “Nova Era Econômica”, não representou um progresso no setor agrícola, pelo contrário, segundo Arthur S. Link e William B. Catton, “a lavoura sofreu uma severa deflação em 1920 e 1921... nunca mais desfrutou o belo equilíbrio relativo em que tinha vivido de 1914 a 1919”<sup>27</sup>. O período pós-guerra nos EUA representou para os agricultores o início de uma crise lenta e progressiva, que iria piorar com a Depressão. Somente as regiões de agricultura altamente especializada usufruíram os benefícios propiciados nesse período. Ou seja, como boa parte das lavouras era trabalhada por arrendatários ainda, principalmente, os que se localizavam na região centro-oeste, não houve muitos benefícios para estes últimos. //

Entretanto, houve uma profunda mudança social e cultural. Uma das primeiras mudanças ocasionadas por essa situação econômica foi o grande fluxo de pessoas, que se deslocaram para as cidades grandes à procura de uma vida melhor e mais próspera. Homens e mulheres se deslocavam para as cidades à procura de emprego, fazendo com que houvesse um aumento demográfico nas metrópoles e, principalmente, nas cidades-satélites. Houve uma expansão das oportunidades econômicas, tanto para os homens quanto para as mulheres da classe média. A supremacia masculina estava sofrendo abalos irreparáveis. Filhas solteiras e mulheres casadas passaram a trabalhar fora: ensinando nas escolas e como secretárias. Conseqüentemente, de acordo com Arthur S. Link e William B. Catton, “as mulheres passaram a casar mais tarde, a ter menos filhos e estavam mais dispostas a dissolverem os laços patrimoniais”<sup>28</sup>. Ainda mais notável foi a revolução na imagem das mulheres que passaram repudiar o espartilho, as roupas longas (que cobriam pernas, braços e pescoço), e passaram a exibir saias curtas, cabelos curtos, utilizar cigarros e beber.

<sup>26</sup> LINK, Athur S.; CATTON, William B. *História moderna dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965. v. 2, p. 413.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 421.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 454.

O “Evangelho da Riqueza”, que se implantou na década de 1920, afetou profundamente toda uma tradição de valores, de moral e de costumes norte-americano. Desde o período entre-guerras já vinha acontecendo uma revolução nos hábitos e nos padrões morais, que vinham desgastando as normas cristãs: autoridade do marido-pai como chefe de família, castidade pré-marital e fidelidade conjugal. Com a revolução industrial nos setores automobilístico, radiofônico e cinematográfico os jovens tinham a disposição toda uma gama de novidades (carro, cinemas, boates e novos ritmos), que possibilitaram liberarem suas práticas amorosas além dos olhos pais. Além disso, a facilidade proporcionada pelos créditos à sociedade americana fez com que houvesse um aumento nas compras de carros ou casas. Estabelecia-se um modo de vida americano: *american way life*.

*de 1920 a 1930*  
//As décadas de 1920 e 1930 caracterizou-se também por uma obsessão popular em relação às questões relativas ao sexo, que foi muito ressaltada pelos ensinamentos de Sigmund Freud. Nas comunidades colegiais e universitárias, “estar na moda” era se submeter aos “bacanais”, à promiscuidade e aos excessos de bebidas alcoólicas. Um panorama que foi tratado por alguns autores como “F. Scott Fitzgerald, na novela *This Side of Paradise*, em que ele apresenta a vida dos alunos de Princeton”<sup>29</sup>. Muitos fervorosos puritanos alegavam que essa situação se devia às bebidas e aos métodos revolucionários de ensino adotados por alguns professores. *Métodos empíricos começaram a ter grande importância nos novos currículos: uso de oficinas, laboratórios e outros materiais forma utilizados para desenvolver as capacidades dos alunos. O ensino superior passara a objetivar a preparação dos alunos para profissões liberais e para carreiras nas indústrias, nos negócios e outros setores. Surgia o “Evangelho Social” (Social Gospel), que através de idéias liberais propunha um ensino não teocrático, mas sim centrado no desenvolvimento das capacidades do homem. Além disso, os intelectuais contra os velhos pressupostos democráticos e idealistas, segundo Arthur S. Link e William B. Catton, “buscaram refúgio no desenvolvimento da individualidade, por meio da liberdade sexual, do esoterismo de formas literárias e artísticas, ou de ataques cada vez mais ásperos contra a evolução política interna”*<sup>30</sup> //

*no desenvolvimento*

Jovens escritores, que foram denominados de “geração perdida”, se mostravam revoltados com todo o sistema, repugnando toda a idéia de democracia, patriotismo, religiosidade e dos preceitos de moral e de valores que edificara aquela sociedade. Segundo Arthur S. Link e William B. Catton,

<sup>29</sup> LINK, Athur S.; CATTON, William B. *História moderna dos Estados Unidos*, p. 452.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 457.



“Após a Primeira Guerra houve um florescimento da revolta naturalista contra as tradições pedantes e cristãs na literatura, iniciada por um novo grupo de escritores designado por Lost Generation (A Geração Perdida). Essa geração era formada por criaturas de uma época distintamente caracterizada, nos níveis superiores do pensamento, pelo determinismo nas Ciências Físicas e pelo relativismo na Ética”<sup>31</sup>.

Uma das orientações do naturalismo literário buscou apresentar o homem como criatura biológica e o reduziu a um caso de estudo laboratorial. O homem nada mais era do que o reflexo de uma ciência que retirara o Criador do universo, <sup>ele não fazer dele ...</sup> isto é, todas as ações dos homens derivavam do seu nível fisiológico. Vários autores, então, diante de uma violenta deterioração dos valores e morais buscaram nos conceitos naturalistas representar uma sociedade que se tornava materialista, medíocre moralmente e espiritualmente, e hipócrita. Na segunda tentativa de Steinbeck na vida acadêmica, entre 1922 e 1923, ficava horas sentado com os amigos da faculdade discutindo sobre escritores como Sinclair Lewis, Sherwood Anderson, Jones F. Scott Fitzgerald e Upton Sinclair.]

Sinclair Lewis foi um dos mais lidos romancistas americanos da década de 1920. Em *Babbitt* (1922), procurou apresentar todo o tipo de criaturas pedantes da classe média, como o corretor George F. Babbitt – um homem de 46 anos, casado e com três filhos, que possuía uma companhia imobiliária em sociedade com o sogro, a Babbitt-Thompson. Lewis o apresentou como o típico homem da classe média da década de 1920, ambicioso, que aspirava uma vida luxuosa e se preocupava com a aparência. Babbitt ficava admirando seu jardim e sua casa, que para ele significava um dos símbolos de sua prosperidade. Assim o romancista Sinclair descreveu: “Era bem o jardim de um próspero homem de negócios de Zenith, isto é, era a própria perfeição, e refletia-se nele, tornando-o perfeito também”<sup>32</sup>. O “Evangelho da Riqueza” dominara a sociedade, ditando estilos de vida e modos de consumo. Um homem de negócio tinha que andar com roupas impecáveis, guiar seu próprio automóvel, jogar golfe e participar de um grupo de homens de negócio distintos. Para Babbitt, o botão do *Boosters Club* (*homem de enregia, esteio de progresso*) representava toda essa pompa. Assim, Sinclair descreveu: “Isto dava a Babbitt um sentimento de lealdade, de importância. Incorporava-o ao grêmio dos Bons Rapazes, entre homens corretos, de boa companhia, e importantes nas rodas comerciais”<sup>33</sup>. No entanto, esse homem que se considerava um próspero negociante moderno, honesto e distinto, era traído pelas suas próprias atitudes. Era um defensor das leis que proibia

<sup>31</sup> LINK, Athur S.; CATTON, William B. *História moderna dos Estados Unidos*, p. 460.

<sup>32</sup> LEWIS, Sinclair. *Babbitt*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1960. p. 4.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 8.

o uso de álcool, embora não cumprisse a mesma; apoiava a lei contra os excessos de velocidade, mas era o primeiro a descumpri-la; considerava-se um homem de negócio honesto, contudo, não hesitava em se valer de “algumas” mentiras para obter lucro. Babbitt representava toda o materialismo, mediocridade e hipocrisia que dominava a sociedade.

Outro autor lido por muitos jovens da época, como Steinbeck, era Jones F. Scott Fitzgerald, que também era considerado um dos mais talentosos escritores da “Geração Perdida”. Em *The Great Gatsby* (1925), descreveu toda a dissolução moral e espiritual da sociedade norte-americana. O dinheiro não era utilizado só para comprar coisas materiais, mas também para comprar pessoas. Jay Gatsby um eminente e misterioso rico surgiu na baía de Long Island Sound, a 30 km de Nova York. Sua mansão, a cada duas semanas, se tornava uma das mais freqüentadas da região, onde noites de verão eram regados com muita música, caviar e champanhe. Pessoas de todas as estirpes apareciam lá, de ministro a simples convidados, como o corretor Nick Carraway. Entretanto, Nick não era um mero convidado, mas sim o primo de Daisy Buchanan (a paixão de juventude de Gatsby). Daisy, filha de um rico fazendeiro do oeste e esposa de Tom Buchanan. Segundo Malcolm Bradbury e Howard Temperley, Daisy “tal como a América dos anos 1920, é, ao mesmo tempo, infinitamente inocente e supremamente, descuidadamente, corrupta. E objeto de desejo sem esperança também para venda a quem dar mais”<sup>34</sup>. Para Daisy “garotas ricas não se casam com rapazes pobres!”. Mas Gatsby a queria, e agora tinha condições de dar a ela tudo que quisesse, principalmente, amor. No entanto, o seu contato com o obscuro mundo do contrabando e dos negócios escusos, não o deixaria impune.

Para Fitzgerald, o novo dinheiro gerava ilusões destrutivas na sociedade. Gatsby, na ilusão de conseguir o amor de Daisy, acreditava que o dinheiro a faria voltar para ele. Com isso, o mundo do contrabando foi um dos meios encontrado por ele para atingir seu objetivo. Ou seja, Fitzgerald não retratou somente uma sociedade dominada pelo dinheiro, mas também os meios degradantes que este levava os homens a buscarem riqueza e poder.

Essa “nova era” de prosperidade, regada a champanhe, não era tão glamurosa como demonstrava ser. E o submundo do crime vinha ofuscar todo o seu brilho. Desde a Lei Seca, aprovada por alguns estados já em 1914, os Estados Unidos viram cidades como Nova York e Chicago, servirem como palco de submundo do crime. Com a 18ª Emenda, promulgada em 1917, de acordo com Arthur S. Link e William B. Catton “a sociedade americana viu um

<sup>34</sup> BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981. p. 273.

recrudescimento do tráfico clandestino de bebidas”<sup>35</sup> que, conseqüentemente, encorajou a organização de quadrilhas (gangs) de criminosos que dominaram os Estados Unidos nas décadas de 1920 e 1930. Chicago foi o palco da atuação da mais violenta gang, a quadrilha de Al Capone. Este dispunha de um exército particular, de aproximadamente mil homens, que esmagavam implacavelmente seus rivais e provocavam verdadeiras batalhas nas ruas de Chicago. Mas, ainda, podemos observar o panorama desse período em algumas produções cinematográficas como em *Era uma vez na América* (1941), dirigida por Sérgio Leone, que retrata na cidade de Nova York, a formação de quadrilhas que se iniciavam na infância. Crianças de descendência judaica entravam no mundo do crime praticando pequenos furtos, mas ao se envolverem com contrabandistas os crimes foram tomando proporções maiores. O vício, o jogo organizado e, principalmente, o contrabando de álcool era a fonte de renda dessas quadrilhas.

Nova York

atras

A tentativa do governo de impor a proibição de consumo e transporte de bebidas alcoólicas por toda a década de 1920 e 1930 – alegando ser um nobre experimento para o bem da sociedade, apesar de ter reduzido o consumo de bebidas alcoólicas, principalmente, nas zonas rurais protestantes – teve conseqüências mais profundas e desastrosas do que seria o consumo livre. No artigo jornalístico, denominado de *Uma cartilha sobre os anos 30*, Steinbeck criticou esse nobre intento do governo de Hoover

Criara governos paralelos de gângsteres, pequenos estados que guerreavam, cometiam assassinatos, compravam autoridades, exerciam o clientelismo e vendiam bebidas. Não só esta nova aristocracia era apoiada por todo cidadão que pagava alto preço por uma garrafa de bebida ruim como também os gângsteres de sucesso eram conhecidos, e até mais respeitados, que quaisquer outros americanos, exceto estrelas do cinema. Suas vidas, seus amores, crimes e funerais eram todos publicados e lidos com avidez. Cidadãos importantes buscavam sua amizade e favores<sup>36</sup>.

As quadrilhas estabeleciam redes de vários gêneros, comprando o controle do governo de muitas cidades, da polícia, se relacionando com diretores de cinemas, com os chefes dos sindicatos, fabricantes mostrando o quanto o governo era fraco.

Entrementes, no seu último confronto com a vida acadêmica em 1925, Steinbeck foi de certa forma “bem sucedido”, mas mesmo assim decidiu abandonar a faculdade. Foi um período difícil para ele. Após uma longa temporada fazendo serviços em pousadas no lago

<sup>35</sup> LINK, Athur S.; CATTON, William B. *História moderna dos Estados Unidos*, p. 508.

<sup>36</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: ensaios selecionados*, p. 39



Allen Leaf e num chalé (na região de Tahoe, na Califórnia), de seu primeiro contato com Nova York (período em que trabalhou exaustivamente e ficava sem tempo para escrever) e diversas excursões (entre a região de Tahoe, Pacific Gorge, Salinas e São Francisco), Steinbeck decidiu voltar para São Francisco em fins de setembro de 1928, para encontrar aquela que seria sua primeira esposa, Carol Henning. São Francisco significava um contraste com a vida calma da mata, mas se sentia pronto para iniciar o que ele chamaria de “seu turno de serviço como boêmio intelectual”<sup>37</sup>. No artigo jornalístico intitulado, *As algemas douradas*, que esta contida na obra *América e os americanos*, ele descreve esse período em São Francisco:

Finalmente, quando virei o que chamavam pessoa instruída, mudei-me para San Francisco para cumprir meu turno de boêmio intelectual. Não me lembro de todos os lugares onde morei, mas foram muitos e todos tinham uma coisa em comum: eram pequenos e baratos. Lembro-me de um sótãozinho escuro na rua Powell. Pertencia à melhor tradição, com traves sem forro e pombos entrando e saindo por uma janelinha alta. Depois houve um tipo de caverna na North Beach, completamente acarpetada, de parede a parede, com alho. O resto, em minha lembrança, foram pequenas acomodações cujo o único encontro [sic] era o preço baixo”.<sup>38</sup>

Apesar de ter sido um período de grandes dificuldades e muito trabalho duro, Steinbeck lembrava com prazer desse período. Como ele mesmo diz no artigo jornalístico, *Algemas douradas*, a sua geração foi uma “Geração de Desafortunados”, que aceitava todo tipo de trabalho e vivia de sardinha, pães e café.

Com o Crack de 1929, a sociedade norte-americana sofreu mudanças devastadoras. Milhares de famílias viram seus investimentos ruírem junto com os bancos. O pânico se alastrou, pessoas correriam aos bancos para tentarem tirar as suas reservas, e encontravam estes fechados, então, começava o quebra-quebra; homens de negócios entraram em pânico, chegando a ponto de se suicidarem; uma multidão de esfarrapados passou a vagar pelas ruas à procura do que comer. Acabara a época dos gastos exorbitantes com as festas e com as viagens ao exterior.

Para John Steinbeck não houve muita mudança no seu modo de vida, pois ainda não tinha começado ganhar dinheiro com seus livros. Como poucos jovens dessa época teve a sorte de seu pai possuir uma casa na baía de Monterey, que sempre o acolhia nos momentos mais difíceis. O autor adorava Monterey, pois para ele era o oposto de Salinas (que

<sup>37</sup> PARINY, Jay. *John Steinbeck: uma biografia*, p. 102.

<sup>38</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: ensaios selecionados*, p. 33-34.

deixou  
muito  
cada  
idade  
Lafayette  
Monterey

representava o puritanismo, viés trabalhista e a burguesia). Considerava Monterey um lugar relaxado e diversificado, onde os boêmios e fracassados eram mais bem aceitos. Em particular, ele amava Cannery Row, uma rua de fábricas de peixe enlatado, armazéns, bordéis, mercearias e barracos de pescadores – um lugar onde a vida pulsava. Passava o dia andando entre as fábricas, vendo os barcos encostarem-se ao cais, conversando com as prostitutas, os paisanos, os operários das fábricas e os pescadores. No seu artigo *Uma cartilha sobre os anos 30*, que se encontra na obra *América e os americanos* (2004), ele apresentou a sua perspectiva com relação a esse período:

É claro que me lembro da década de 1930, os terríveis, complicados, triunfantes, avançados anos 30. Não consigo pensar e nenhuma outra década da história em que tenha acontecido tanta coisa em tantas direções. Mudanças violentas ocorreram. Nosso país foi remodelado, nossa vida remodelada, o governo, forçado a assumir funções, deveres e responsabilidades que nunca tivera antes e dos quais nunca pôde abrir mão.<sup>39</sup>

Ao tomar posse em 4 de março de 1933, Franklin Roosevelt, teve que tomar uma série de medidas para tentar reerguer a economia americana. Alan Nevins e Henry S. Commager afirmam que Roosevelt “pôs de pé um vasto programa de gastos em obras públicas e empréstimos para habitação, estradas, pontes, melhoramentos locais, estimular os negócios e gerar empregos”<sup>40</sup>. Montou sistemas elaborados de auxílio-desemprego, dando ajuda direta ou gerando emprego através das obras públicas. Deu trabalho à cerca de três milhões de jovens com um programa de conservação dos recursos naturais, do qual dos instrumentos principais foi o Corpo de Conservação Civil. Enriqueceu em muito a vida cultural da nação dando patrocínio federal ao mundo artístico. E tanto a agricultura e como a indústria obtiveram ajuda.

Steinbeck não conseguiu entrar no projeto para escritores, mas trabalhou para um censo sobre todos os cães da península de Monterey. Mas, para ele a WAP (Superintendência para o Progresso das Obras) funcionava e deixou obras de grande utilidade à sociedade, como: aeroportos, escolas, agências do correio, estádios e a estrada Lake Shore Drive (Chicago).

Entretanto, as medidas tomadas pelo governo não conseguiam atender as necessidades de toda a população. Milhares de desempregados, então, se aglomeravam em favelas e nos “Hoovervilles”. De um extremo a outro do país, nas grandes cidades como nos campos,

<sup>39</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: ensaios selecionados*, p. 37.

<sup>40</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry S. *Breve história dos Estados Unidos*, p. 460.

milhares de pessoas vagavam famintas e sem esperança. E quando achavam que a situação econômica estava entrando nos eixos, veio a grande seca devastando as regiões do Centro, Centro-Oeste e Sudeste do país. Segundo Steinbeck, “a grande região da carne, dos cereais e dos legumes da nação, enrugada, ressecada, rachada. As vacas eram cabides de ossos, e os porcos foram mortos a tiros para calar seus guinchos de fome. O milho brotou e morreu”<sup>41</sup>.

Com isso, a década de 1930 os Estados Unidos assistiram ao surpreendente renascer da novela, que explorava temas relacionados ao mundo do trabalho e a situação econômica dos trabalhadores. Uma literatura que encontrou na massa de sofrimento humano, durante a Depressão, o estímulo para analisar o sistema americano, o sistema político e insinuar a destruição ou a reforma do capitalismo.

Vários autores voltaram-se para os problemas sociais enfrentados pela sociedade. Na época. John dos Passos foi considerado o mais áspero crítico do capitalismo americano, nas suas produções como a trilogia *U.S.A – The Forty-Second Parallel*, 1930, *Nineteen-nineteen*, 1932, e *The Big Money*, 1936 – procurou reconstituir um panorama da vida americana nas duas primeiras décadas dos anos 1900. Outros eram considerados azedos segundo Link e Cotton, “foram chamados de escritores do proletário – marxista, comunistas e outros – que utilizavam a novelística como propaganda para acelerarem a conversão da classe média aos ideais revolucionários”<sup>42</sup>. Mas, outros como John Steinbeck procuravam relatar, através de seus romances, as condições de desintegração moral e espiritual em que a sociedade se encontrava: protestando contra as injustiças provocadas pelo sistema econômico e alertando àquela sociedade para uma situação perigosa que se formava, devido ao novo ritmo do sistema capitalista, a arrogância e a ambição dos detentores dos meios de produção.

Por ter vivido num período de grande relevância na história norte-americana (1920-1945) – de um desenvolvimento extraordinário em vários setores da sociedade e até o desencadeamento de uma crise sem precedentes –, Steinbeck apresentou uma escrita totalmente engajada no seu tempo, nos fatos candentes e nas suas próprias experiências. Os escritores dessa época entenderam que faziam parte dos processos que se desencadeava na sociedade, e passaram a participar plenamente nas questões através de suas obras. [Com isso, observamos que a literatura, como o “espaço das possibilidades”, dá ao autor a oportunidade de modificar a sua escrita e seu estilo de acordo com o seu tempo.]

<sup>41</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: ensaios selecionados*, p. 45.

<sup>42</sup> LINK, Athur S.; CATTON, William B. *História moderna dos Estados Unidos*, p. 469.

### 3. AS TRANSFORMAÇÕES DAS TERRAS DO CENTRO-OESTE DOS ESTADOS UNIDOS

As décadas de 1920 e 1930, segundo alguns os historiadores, foram revolucionárias. Nesse período ocorreram alterações que provocaram uma modificação em todos os setores da sociedade norte-americana. Contudo, segundo Arthur S. Link e William B. Cotton, "a prosperidade de 1919 a 1929 é mais urbana que geral, confinado mais a certas indústrias do que a outras"<sup>43</sup>.

No início da década de 1920 houve uma recessão, pois com a queda do comércio externo americano surgiu a necessidade de um reajustamento geral. No entanto, em 1922, ocorreu uma recuperação que deu início à "Nova Era Econômica", proporcionando aos americanos um equilíbrio na produção, nos preços e nos salários. A indústria teve um grande estímulo, ocorrendo uma expansão dos estabelecimentos fabris que, conseqüentemente, elevou a produção fabril; a indústria da construção, depois de 1918, cresceu consideravelmente, principalmente devido à procura constante para as construções de natureza residencial. Mas foi a revolução tecnológica que provocou mudanças mais significativas, pois deu início à produção em massa. Para Link e Cotton, "a revolução nos métodos de gerência e na tecnologia industrial tornou possível a produção de maior número de unidades por menos trabalhadores e a menor custo"<sup>44</sup>. Além disso, podemos observar que houve um grande incentivo nas pesquisas científicas e tecnológicas. Várias empresas já vinham investindo em laboratórios para melhorarem seus produtos (reduzindo os preços e desenvolvendo novos produtos ou subprodutos) e serviços – passaram a se preocupar com a saúde, conforto e a segurança dos trabalhadores, pois passaram a aceitar a teoria que a melhoria das condições de trabalho influenciavam na produtividade e na produção.

Na agricultura, por sua vez, percebemos algumas controvérsias, pois setores que já vinham se especializando desde a década anterior a 1920, ou até antes, tiveram um certo crescimento nesse período, mas nem todas as regiões usufruíram a prosperidade da nova era. A Califórnia, por exemplo, sofreu transformações fundamentais entre 1880 e 1930, que possibilitou essa região passar de uma agricultura extensiva para a intensiva. Desde o período da corrida do ouro, a agricultura da Califórnia já exigia um alto nível de habilidade de gerenciamento e mão-de-obra. Em 1880 já havia na região da Califórnia quatro milhões de

<sup>43</sup> LINK, Arthur S.; COTTON, William B. *História dos Estados Unidos*, p. 413.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 426.

ameixas, pêssegos, damascos, maçãs e pêras. Além disso, dados fenomenais na produção de laranjas registravam que em 1900 já havia 5,5 milhões de árvores. Entre 1919 e 1929, a produção de uvas e outras frutas subtropicais tive um aumento considerável.

1  
Nesse sentido, alguns estudiosos acreditam que esse desenvolvimento da agricultura californiana se deveu aos seguintes fatores: 1) essa região tinha disponível uma grande quantidade de trabalho braçal internacional (mexicanos, filipinos, orientais, etc); 2) em 1890 já havia cerca de um milhão de acres irrigados, e em 1930 esses números se transformaram em milhões; 3) registram-se nesse período uma melhoria nos serviços de transporte e nas tecnologias de armazenamento e manuseio; 3) o desenvolvimento de cooperativas de comércio, que procuravam incentivar inovações para vender rapidamente e aumentar a produção para o mundo; 4) e finalmente a mecanização dos campos, pois a Califórnia foi pioneira nesse fator. Além disso, observou-se que o preço de alguns produtos como algodão, vegetais e nozes se recobram na década de 1920 devido ao crescimento da população nessa região. Nos anos 20 a imigração na Califórnia aumentou em 1,25 milhões de pessoas, assim, aumentando o mercado consumidor.

1  
A A  
Referência

Link e Cotton, observaram que o desenvolvimento no Oeste entre 1920 e 1940 “dependeu mais da indústria, do petróleo, do comércio turístico e da agricultura especializada do que, realmente, da lavoura geral” <sup>45</sup>. Segundo os autores Samuel E. Morison e Henry S. Commager, a agricultura norte-americana, já vinha sofrendo desde a década 1920. “A própria condição dos negócios americanos durante a década de 1920 não refletiu na agricultura. Na verdade, durante a maior parte dessa década o lavrador viveu angustiado e o fim do período da dominação republicana coincidiu com uma depressão agrária mais profunda e mais séria do que qualquer outra desde 1890” <sup>46</sup>.

No decorso da década de 1920 havia um grande otimismo em relação ao futuro. No entanto, no setor agrícola as flutuações dos preços dos produtos não mostravam um quadro econômico tão otimista. Em todo esse período os agricultores tiveram que agüentar as constantes quedas dos produtos agrícolas, que refletiam em todos os ramos da produção. Com isso, em todo o período de baixa dos preços as relações de troca eram desfavoráveis para o agricultor. Ou seja, os preços pagos por eles eram mais altos que os preços recebidos. No final da década que houve uma certa estabilidade nos preços.

2

<sup>45</sup> LINK, Arthur S.; COTTON, William B. *História dos Estados Unidos*, p. 418.

<sup>46</sup> MORISON, Samuel E.; COMMAGER, Henry S. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, [s.d.]. p.106.

antes  
2

Devido aos constantes protestos dos agricultores, no início da década de 1920, o Congresso tentou equilibrar os preços dos produtos agrícolas. Primeiro foi criado a Comissão Conjunta de Investigação da Agricultura em 1921, para reconhecer os fatores negativos e de modo a elaborar medidas para estabilizar a economia agrária. “A Comissão registrou o óbvio, isto é, que as dificuldades eram resultantes da depressão geral dos negócios e do declínio das exportações, e recomendou medidas visando auxiliar as associações cooperativas de distribuição, melhorar as facilidades de crédito e estender as atividades de pesquisa do Departamento de Agricultura”<sup>47</sup>. Já a Conferência Agrícola Nacional, propunha uma paridade com o slogan “Igualdade para a Agricultura”, que os preços recebidos e pagos pelos agricultores fossem igual aos estabelecidos no decorrer da década de 1910. Outros projetos foram propostos para tentar garantir o justo valor de troca como os projetos McNary-Haugen, examinados entre 1924 e 1928, que foram o mais bem aceito pelos políticos e agricultores pois propunham o valor justo aqueles antes da Primeira Guerra.

Como podemos perceber, o Congresso, apesar dos esforços, tinha dificuldade de estabilizar a situação dos agricultores. Mas, mesmo assim, algumas leis ainda foram aprovadas, como: a lei Capper-Volstead de 1922, que dava liberdade às cooperativas dos agricultores; a Lei do Crédito Intermediário Federal de 1923, que redescontava as letras dos agricultores vencíveis no período de três anos; e a lei da Comercialização Agrícola, de 1929, na qual, o governo federal se comprometia em estabilizar os preços.

Entretanto, com o colapso iniciado em 1929, todos os esforços de estabilizar os preços na década de 1920 foram por água abaixo. A atitude do presidente Herbert Hoover, de não intervir com mais rigor para reverter a situação, contribuiu para que a crise se agravasse cada vez mais. Hoover acreditava que a recuperação ocorreria automaticamente. Tomou algumas medidas para tentar reter a crise, mas foram inadequadas para a situação que se agravava a cada momento. A Grande Depressão de 1929 era diferente de todas as outras.

Com o crack de 1929, a sociedade norte-americana enfrentou um período de depressão, que repercutiu mundialmente. Bancos americanos e europeus faliram, - por exemplo, o banco austríaco Kreditanstalt e dos Rothschild, na França – devido à retirada brusca de capital americano. Além disso, as indústrias ligadas a esses bancos, conseqüentemente, rodaram juntas. “Milhões de investidores perderam as economias de toda uma vida, mas a espiral da depressão não parou aí: as investidoras fecharam suas portas,

<sup>47</sup> ROBERTSON, Ross M. *História da economia americana*. São Paulo: Distribuidora Record, 1967. p. 515.

fábricas interromperam suas atividades, bancos faliram e milhões de desempregados andavam pelas ruas à procura de trabalho, em vão”<sup>48</sup>.

No plano interno, com a queda das exportações, a solução foi reduzir a produção na indústria, agricultura e mineração. O que levou, conseqüentemente, a uma crise social devido ao grande desemprego. De acordo com Allan Nevins e Henry S. Commager: “Em 1932, o número de desempregados montava a mais de 12 milhões; mais de cinco mil bancos haviam fechado suas portas; o número das casas comerciais falidas chegava a 32 mil; os preços dos produtos agrícolas atingiram seu ponto mais baixo na história; a classe média corria o risco de ser eliminada; o produto nacional declinou 80 bilhões em 1929 para 40”<sup>49</sup>. Várias foram as tentativas dos empresários de controlar a situação: emprestaram os capitais excedentes aos outros países, para que os mesmos comprassem máquinas e acessórios dos Estados Unidos; armazenaram-se os excedentes agrícolas, para conter a baixa dos preços; e procuram fazer investimentos internos, sob forma de crédito de consumo. Todavia, para os agricultores essas medidas se tornaram uma bola de neve, pois os produtos foram a cada dia se acumulando. Os fazendeiros, por sua vez tiveram que hipotecar suas terras para pagar os custos da armazenagem.

Com as reformas proposta pelo *New Deal*, então, a população norte-americana viu uma certa esperança, pois abrangia a agricultura, operário, previdência social e administração. Na agricultura, tinha como primeiro objetivo aumentar os preços dos produtos agrícolas e foi através da Lei do Ajustamento Agrícola, aprovada em maio de 1933, que criou a Administração do Ajustamento Agrícola (AAA) para assumir essa responsabilidade. “A AAA determinaria um número total de acres de certas lavouras importantes a serem plantadas na quadra de cultivo seguinte. O total da área em acres seria então subdividido em totais estaduais, os quais por sua vez seriam distribuídos entre os agricultores, tomando por base o registro recente da produção de cada agricultor”<sup>50</sup>. Além disso, para que os fazendeiros cooperassem estipulou um “pagamento benefício” ou “pagamento ajustamento”, que era pago com cheque do tesouro federal. Contudo, em 1936 o Supremo Tribunal acusou a Lei de Ajustamento Agrícola inconstitucional, pois usurpava o poder reservado a diversos Estados. Outras medidas foram tomadas para equilibrar as finanças agrícolas, como: a Lei de Conservação do Solo, devido à estiagem de 1936, tinha como objetivo reduzir o número de área cultivada por produtos que exaurissem o solo para preservar e reabilitar; durante a década

<sup>48</sup> NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry S. *Breve história dos Estados Unidos*, p.454.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 456.

<sup>50</sup> ROBERTSON, Ross M. *História da economia americana*, p. 518.



de 1930, foi estabelecido um *acordo de distribuição*, entre associação de produtores e beneficiadores, que podiam ajustar preços mínimos, a quantidade a ser comercializada e parcelas comercializáveis entre os beneficiados; e *cotas de distribuição*, que estabelecia um limite máximo de quantidade a serem vendidas pelos cultivadores de certas lavouras, e se esses não cumprissem o acordo eram penalizados ou multados.

A atuação de instituições independentes, também deu um efetivo auxílio aos agricultores, como a Commodity Credit Corporation (CCC), que tinha como função reduzir os preços do milho, trigo e algodão contra a instabilidade da oferta e na procura, através de empréstimos com a garantia das colheitas (muitos desses eram feitos sem obrigação de pagamento).

Como podemos observar o governo norte-americano tentou elevar os preços dos produtos agrícolas, tanto na década de 1920 quanto na década de 1930. Ou seja, embora a década de 1920 seja símbolo de um período de prosperidade, para os agricultores da lavoura geral ela não proporcionou mudanças consideráveis. <sup>Paradoxalmente</sup> a década de 1930 foi o ápice de uma crise que vinha castigando os agricultores paulatinamente e, que teve como uma das principais características a abundância, e não a escassez.

Diante desse panorama econômico percebemos, que John Steinbeck, retratou a situação dos meeiros no romance *As Vinhas da Ira* (1939), tentando chamar a atenção daquela sociedade para as transformações provocadas pelo sistema econômico, pelas indústrias e suas máquinas. Pois estava modificando não só um sistema antes estabelecido, mas como se verá adiante, também toda a noção de espaço e tempo, e provocando uma desarticulação social profunda. A primeira questão que ele abordou foi o mau uso da terra, retratando o desgaste desta e as conseqüências:

A últimas chuvas lavaram suavemente as terras vermelhas e parte das terras pardas de Oklahoma, sem conseguir amolecer-lhes a crosta petrificada. Os arados deixavam cicatrizes nas terras encharcadas. As últimas chuvas fizeram murchar as hastes de trigo e espalharam lençóis verdes à margem dos caminhos, sob os quais sumiam as terras vermelhas e as terras pardas.<sup>51</sup>

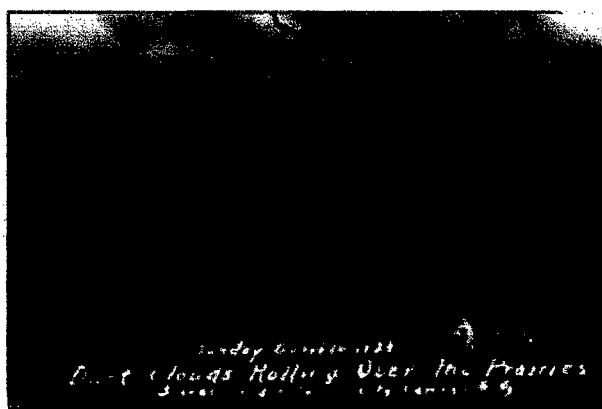
Segundo Paul Bonnifield, na obra *The Dust Bowl, Men, Dirt and Depression*, "as terras eram plantadas com trigo ano após ano sem imaginar as conseqüências que estavam sendo feitas".<sup>(1)</sup> Além disso, áreas verdes que deveriam ter sido preservadas para manter o equilíbrio ambiental foram devastadas. Milhões de acres de fazendas foram destruídas. Em

<sup>51</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 5.

falta referência.



1930, Oklahoma foi arrastada por uma tormenta e, concomitantemente, alguns condados sofreram com a enchente e com uma tempestade de poeira que arrasou muitos estabelecimentos. Na região de Boston, Massachusetts, segundo Earl N. Mattleman, em 1934: “A camada superficial do solo das planícies estava sendo levada pelo vento. Poços e cursos de água secaram. O pó encheu as casa e parou máquinas, inclusive moinhos. As plantações morriam nos campos. Bois e carneiros pereceram de sede. E dezenas de milhares de pessoas abandonaram os lares e deixaram as planícies”<sup>52</sup>. Em 1935, então, uma severa tempestade se espalhou por toda a nação norte-americana, como podemos observar na figura abaixo:



*Fig.01: 14 de abril de 1935, Domingo Negro. Tempestade de poeira que transformou o dia em noite. Muitos acreditaram que era o fim do mundo.*

Os anos de seca foram acompanhados por fortes chuvas, tempestades, tornados e enchentes. Na região de Oklahoma, houve tempestades de poeiras que engoliram as cidades e, também, ventos cíclicos que chegavam a duas milhas de altura e moviam-se a cinquenta milhas por hora. Várias áreas de fazendas das Grandes Planícies foram devastadas. Os métodos para se protegerem contra a poeira eram os mais variados – colocavam-se lençóis nas janelas e cobertores nas portas, para tentar evitar que a poeira entrasse, mas mesmo assim esta penetrava nas casas tornando o ar quente e sufocante; quando se atreviam a sair de suas casas os meeiros utilizavam um óculos e um lenço para se proteger. No artigo jornalístico intitulado Os americanos e a terra, que se encontra na obra América e os americanos (que contém artigos jornalísticos de do autor), Steinbeck fez uma crítica em relação ao mau uso das terras

*duplote*

<sup>52</sup> MITTLEMAN, Earl N. (Org.). *Panorama da Geografia dos Estados Unidos*. Washington: Agência de comunicação Internacional dos Estados Unidos, [s.d.]. p. 78.

americanas desde o início da colonização. Pois para ele a terra foi apropriada com selvageria e insensatez, por exemplo, na região Centro-Oeste

Cortaram e queimaram as florestas para abrir espaço para o plantio; abandonaram seus conhecimentos sobre os cuidados para manter a utilidade da terra. Depois de plantarem e colherem num lugar, mudavam-se, violando o país como invasores. O solo seguro pelas raízes e renovado pela queda das folhas, ficou indefeso frente as águas das primaveras, rasgando e erodido com os ossos nus de argila e rocha expostos. A destruição das florestas mudou as chuvas, já que as nuvens procuravam e não conseguiam encontrara bosques verdes e convidativos para atraí-las e ordenhá-las. <sup>53</sup>

Para Steinbeck os colonos aumentaram a região do deserto com suas ações predadoras. As Grandes Planícies é uma região onde o clima se manifesta de maneira extrema e, segundo Mattleman: “É muito quente de julho a setembro, mas no inverno a neve cobre as casas e os celeiros. Com freqüência o tempo destrói o trabalho de um ano num único dia” <sup>54</sup>. As Grandes Planícies eram conhecidas como o “Grande Deserto Americano”, uma região onde a água valia mais que a propriedade, <sup>e que</sup> no início era uma terra temida e antipatizada por muitos colonos devido aos perigos e a improdutividade. Somente os índios sabiam viver nessa região, caçando os milhões de búfalos. Mas em 1868, quando a estrada de ferro atingiu as planícies os índios viram os homens da construção e caçadores dizimarem seu meio de subsistência. Com isso, a disponibilidade de terra boa e gratuita, nas pradarias orientais e no vales do Pacífico, ajudou os colonos a abrirem caminho à ocupação dessa região.

Em a Condição pós-moderna, David Harvey afirma que o pensamento modernista considerava “o domínio da natureza uma condição necessária da emancipação do homem” <sup>55</sup>. Ou seja, através do domínio do espaço natural o homem ficaria livre para organizar racionalmente o espaço de acordo com sua consciência e vontade. O mapeamento do espaço geográfico possibilitou o homem não só localizar de maneira racional as populações, mas também inseriu a concepção de espaço privado. Assim, o domínio do espaço passou a ser considerado um requisito essencial para o acumulo de riqueza e de poder. No entanto, como podemos ver através da perspectiva de Steinbeck esse processo de apropriação do espaço se deu de maneira devastadora para o ambiente.

<sup>53</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: ensaios selecionados*, p. 435.

<sup>54</sup> MITTLEMAN, Earl N. (Org.). *Panorama da Geografia dos Estados Unidos*, p. 71.

<sup>55</sup> HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 227.

Além desse mau uso da terra Steinbeck chamava a atenção para a transformação do sistema econômico e, conseqüentemente, da relação do trabalhador agrícola com o espaço. Agora era o sistema bancário e as grandes corporações financeiras que passaram a dominar todo o modo de produção (indústria, comércio e agricultura). As empresas passaram a se concentrar cada vez mais e assumir uma dimensão internacional. O sistema capitalista entrava num período em que exigia uma maior aperfeiçoamento dos meios de produção e da racionalização do trabalho e, por sua vez, dos modos de apropriação do espaço. Percebemos que esse período caracterizou-se por uma ampliação das transformações no sistema econômico e nas instituições sociais.

Nesse sentido, a crise que se arrastou pela década de 1930, não se apresentava somente como reflexo do colapso financeiro. Houve uma necessidade de ajustar as relações econômicas e políticas com o propósito de melhorar a condição de vida de todos. Com isso, a revolução tecnológica e de gerenciamento, o desenvolvimento da produção nas indústrias e nos campos, abriram as portas para a nova etapa do capitalismo. Assim, surgiu a necessidade de reorganizar a produção do espaço (uso da terra, de transporte, de comunicação e de tecnologia) para uma melhor apropriação e domínio do espaço. Ou seja, a crise econômica, que abalava o sistema econômico e social, ocorreu devido à necessidade de um novo ritmo espaço-tempo capitalista, que procurava uma nova forma de reorganizar as relações econômicas. Na perspectiva de Steinbeck esse processo se manifestou de maneira degradante e as medidas tomadas para melhorar as condições de produção e restabelecer o preço dos produtos agrícolas não se manifestavam em prol de todos, mas sim de uma minoria (dos proprietários de terras e das associações).

Steinbeck procurou chamar a atenção para a destruição de todo um sistema antes estabelecido. O novo ritmo dado pelas máquinas levou a uma reorganização das relações entre o mundo natural e a atividade humana. O sistema de arrendamento, que era caracterizado por uma produção familiar e essencialmente humana – onde o produtor trabalhava no seu próprio tempo e até produzia seus próprios instrumentos –, não estava mais satisfazendo as necessidades econômicas do país. O autor observou esse processo proferindo: “O sistema de arrendamento não dava mais certo. Um só homem, guiando um trator, podia tomar o lugar de doze famílias inteiras. Pagava-se-lhes um salário e obtinha-se toda a colheita”<sup>56</sup>. A utilização das máquinas nos campos com o objetivo de buscar o lucro, então, alterou toda a noção da produção: as colheitas, as terras e a mão-de-obra agrícola passaram a ser calculadas em

<sup>56</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 41.

dólares. Para Harvey “as modificações das qualidades do espaço e do tempo podem resultar da perseguição de objetivos monetários”<sup>57</sup>. Ou seja, o tempo e o espaço da produção agrícola podem ser medidos pelos objetivos monetários, onde quanto mais rápido a recuperação do capital investido tanto maior o lucro obtido.

No entanto, a organização do espaço agrícola resultante do tempo monetário capitalista, na visão de Steinbeck, não só despojou os meeiros do meio de subsistência como também os escravizou. O autor descreve um sistema que escravizava e alienava toda a sociedade.

Se um banco ou uma companhia era o proprietário da terra, seu representante dizia: o banco, ou a companhia, é que assim quer, insiste, exige, como se o banco ou companhia fosse o monstro, cheio de idéias e sentimentos, que os apanhasse em sua armadilha. Os representantes não queriam tomar para si a responsabilidade dos atos dos bancos ou das companhias, porque estas eram os patrões, e, ao mesmo tempo, máquinas de calcular, e eles não passavam de homens, de escravos. Alguns representantes tinham orgulho de serem escravos de patrões frios e poderosos.<sup>58</sup>

Os representantes descreviam o banco ou a companhia como um monstro que se governavam por si mesmo, que não havia um grupo de homens, donos destes, que precisavam aumentar seus lucros despojando os meeiros de suas terras. O autor procurou demonstrar, através do diálogo desses representantes, àquela sociedade que ela mesma estava forjando uma situação de alienação, através do novo rumo tomado pelo sistema de produção agrícola. O sistema econômico submetia a sociedade americana a um poder estranho a ela que, por sua vez, era erigido pela mesma. [Como Karl Marx, podemos perceber que Steinbeck acreditava que a sociedade se tornava alienada com o resultado de suas próprias ações e, que os produtos de sua atividade econômica na forma de capital, dinheiro e mercadoria também a alienava.]

A indústria agrícola estava se aperfeiçoando e se ampliando nos Estados Unidos, nas décadas de 1920 e 1930, e com ela vinha a máquina e o “capitalismo racional” que, segundo Weber, inclui “a transformação dos salários em mercadoria”<sup>59</sup>. O trabalhador agrícola tornava-se supérfluo, isto é, como ocorreu nos outros setores produtivos, a mecanização dos meios de produção tirou das mãos dos meeiros as ferramentas para trabalhar a matéria-prima. Como Karl Marx observou no período da industrialização europeia, a condição capitalista e a

<sup>57</sup> HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, p. 209.

<sup>58</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 39-40.

<sup>59</sup> WEBER, Max apud. GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 21.

mecanização dos meios de produção acarretaram numa “desvalorização do mundo do homem” em prol da “valorização do mundo das coisas”<sup>60</sup>. Ou seja, o trabalho criado pela condição capitalista tirava do trabalhador a possibilidade de se apropriar de maneira humana dos meios de produção; somente através do trabalho que o meeiro poderia obter seu sustento. Despojados dos meios de produção, os meeiros eram obrigados a ingressarem no mundo do trabalho mecânico e do capital. Nesse sentido, podemos observar, na seguinte passagem, que Steinbeck procurou apresentar uma máquina desumana:

Os tratores invadiam os campos, enormes répteis de ferro a moverem-se qual insetos, com a extraordinária força dos insetos. Os que tratores rastejavam pelas terras, cavavam sulcos, rolavam sobre eles, levantavam-nos. Eram tratores a diesel, vibrando enquanto estacionavam indolentes, trovejando quando em marcha, reduzindo para um zumbido monótono. Monstro de nariz chato, a levantar a poeira, enfiando nela o focinho, marchando firmes pelas terras duras, arrasando cercas, portais, demolindo tudo na sua rota implacável. Não corriam pelo chão, mas por estradas que eles próprios traçavam. Ignoravam colinas e vales e cursos d'água, cercados e casas.<sup>61</sup>

O “réptil de ferro” não podia sentir a terra como os meeiros, então, era um monstro que tirava o verdadeiro sentido de se cultivar a terra. Assim, Steinbeck observou a desumanização do trabalho agrícola. A partir do momento, que o meeiro utilizasse dessa máquina para trabalhar a terra, ele mesmo se transformaria numa “máquina parcial”:

O homem ficava sentado no seu assento de ferro e sentia-se orgulhoso das linhas retas que ele não traçara, do trator que não lhe pertencia e que não amava, do poder que não podia controlar. E quando a safra progredia e a colheita terminava, nenhum homem pegava num punhado de terra quente e deixava escorrer entre os dedos. Nenhum homem tinha tocado as sementes ou sentido a alegria quando amadureciam. Os homens comiam aquilo que não tinham plantado; não tinham nenhum vínculo com o pão que comiam. A terra produzira pelo efeito do ferro, e sob os efeitos do ferro morria gradualmente; não era amada nem odiada; nem adorada nem amaldiçoada.<sup>62</sup>

O trator dominava as condições de trabalho e, por sua vez, o meeiro também era dominado. Karl Marx afirmou, que primeiro o trabalhador “faz mover o meio de trabalho; segundo ele apenas segue o movimento”<sup>63</sup>. Ou seja, o meeiro virou apenas um elemento

<sup>60</sup> CHAMBRE, H. *De Marx a Mao-Tse-tung: introdução crítica ao marxismo-leninismo*. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1963. p. 62.

<sup>61</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. p. 44.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 44-45.

<sup>63</sup> MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1967. p. 113.

parcial do mecanismo, que era estranho e independente dele. Na percepção de Steinbeck o uso da máquina modificava a compreensão do meeiro: “O homem devotava à terra a mesma indiferença que o banco nutria por ela. O homem admirava o trator, a sua estrutura mecânica, a plenitude de sua força, o barulho dos cilindros que detonavam; contudo, o trator não era dele<sup>64</sup>. Um mecanismo poderoso que o tornava escravo e alienado. A habilidade particular e individual do meeiro foi suplantada por um sistema mecânico, que o alienava dos produtos de sua atividade – os produtos de seu trabalho eram transformados em objetos exteriores ao meeiro.

Mas, para Steinbeck a escravização e alienação não se resumira só ao trabalho do meeiro. Era um fato geral, como podemos perceber no trecho seguinte:

Mas deixa um homem possuir uma propriedade que ele não vê nem tem tempo pra cuidar dela, nem pode sentir a terra debaixo de seus pés... bom, aí a propriedade substitui o homem. A propriedade é mais forte que o homem. E ele, em vez de grande, fica pequeno. Só a propriedade é grande e ele é escravo da propriedade. É assim também.<sup>65</sup>

Em ambas as classes, tanto a dos meeiros como a dos proprietários, houve uma perda humana. O autor demonstrou, que a partir do momento que o proprietário deixou de ter o contato direto com sua fazenda, por sua vez, parecia que esta última passou a produzir independentemente de sua atividade. As duas classes estavam sujeitas a uma força exterior que alienava suas atividades produtivas, mas para os proprietários a alienação se constituía no seu próprio poder, no desejo de se apropriar de tudo. Na medida que o trabalho se tornou um meio para assegurar a existência individual, <sup>conforme marxismo</sup> de acordo com Marx, “o homem se opõe a si mesmo, o outro homem também se opõe a ele”<sup>66</sup>

Além disso, Steinbeck apresentou uma perda mais profunda para os meeiros. As terras não pertenciam mais a um homem, mas a uma instituição que só visa <sup>o lucro</sup> lucro e não se preocupava se estas lhe trariam alegrias ou tristezas. As terras deixavam de representar o lugar onde o homem produzia sua identidade. Para os meeiros essa perda era irreparável. E não conseguiam entender como a terra da sua família, se convertia em apenas num pedaço de chão para obter lucro. Ana Fani A. Carlos afirma que a terra é “o lugar que se desenvolveu a vida

<sup>64</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 44.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>66</sup> CHAMBRE, H. *De Marx a Mao-Tse-tung*: introdução crítica ao marxismo-leninismo, p. 65.

em todos as suas dimensões”<sup>67</sup>. Ou seja, os meeiros sentiam que estavam lhes tirando a vida. Steinbeck nos faz perceber esse sentimento quando o meeiro afirmava:

Mas esta é a nossa terra. A gente cultivou, fez ela produzir. Nascemos aqui, demos nossa vida a ela e queremos morrer aqui. Mesmo que não preste, ela é nossa. É isso que faz com que a terra seja nossa: a gente nasce nela, trabalha nela, morre nela. É isto o que dá direito de propriedade, e não um monte de papéis, cheios de números.<sup>68</sup>

→ perfeccionismo;  
desnaturalização  
a relação com a terra.

Por mais que os meeiros soubessem que a terra não prestasse mais, não dava e nunca tinha dado muito lucro para eles, mesmo assim queriam viver nela, pois a terra representava a sua vida. Segundo Ana Fani, “as relações que o indivíduo mantém com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”.

<sup>69</sup> Através da obra de Steinbeck, podemos perceber que era assim que o meeiro se sentia, ao afirmar:

Se um homem tem um pedaço de terra, esse pedaço de terra é ele mesmo, faz parte dele, é como ele mesmo. Se é dono de uma terra assim, pode andar nela, tratar dela, e ficar triste quando ela não produz e contente quando chove. Está sempre satisfeito, porque a terra é dele, é parte dele, é igual a ele. Mesmo que não seja bem sucedido, ele vale muito, porque tem a terra. É assim.<sup>70</sup>

Assim, percebemos que o lugar dava ao meeiro a capacidade, através de suas ações, de estabelecer uma identidade e de se apropriar deste. Ou seja, o lugar representava mais que um espaço físico, era o espaço sentido e apropriado pelo meeiro não só fisicamente, mas também mentalmente. Para Ana Fani<sup>71</sup> “a tríade cidadão-identidade-lugar aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso). A nossa existência tem uma corporeidade pois agimos através do corpo”

<sup>71</sup> A terra significava, para os meeiros, mais que um meio para seu sustento e obter lucros, era a sua vida em todos os sentidos. Até o último grão de areia representava a sua essência.

Entretanto, Steinbeck identificou uma perda mais profunda. A casa e seus objetos, também representavam todo um universo, que, por mais que ficassem guardados no

<sup>67</sup> CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. p. 20.

<sup>68</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. p. 42.

<sup>69</sup> CARLOS, Ana. Fani A. Op. cit., p. 20.

<sup>70</sup> STEINBECK, John. Op. cit., p. 46.

<sup>71</sup> CARLOS, Ana Fani A. Op. cit., p. 21.

consciente do meeiro, não poderiam ser resgatados e nem reproduzidos em outros lugares, com o mesmo sentido. Segundo Gaston Bachelard, em *A poética do espaço*, a casa é o lugar onde nos “enraizamos”: “A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo”<sup>72</sup>. A casa representava mais que um lugar para se proteger das forças da natureza e para se abrigar. Era um universo de sentidos, que só o meeiro podia descrevê-lo e imaginá-lo. Era o lugar onde o meeiro podia viver e sonhar sem medo. Bachelard afirma: “Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É o corpo e é alma. É primeiro mundo do ser humano. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa”.<sup>73</sup> Podemos observar esse sentimento com a descrição que Steinbeck fez dos meeiros ao entrarem em contato com as suas casas demolidas e ao lembrarem-se das experiências que tiveram nas mesmas:

Pois é. Ando por aqui que nem alma penada. Andei rodando pelos lugares onde as coisas aconteceram. Depois da nossa casa tem um matagal num barranco. Foi ali que eu me deitei pela primeira vez com uma moça. Eu tinha cartoze anos, pulava, corria e me estabnava que nem um alce e espirrava como um bode. Por isso eu deitei ali, no chão, e vi tudo como tinha acontecido. Também fui no lugar perto do celeiro onde meu pai morreu com as chifradas de um touro. O sangue dele ainda mancha aquele chão. Ninguém lavou. Eu pus a mão naquele chão. – Interrompeu-se, inquieto.<sup>74</sup>

A casa, a terra e tudo que fazia parte dela representavam mais que um espaço habitável. Era o vivido, o sonhado e o imaginado – para Bachelard a casa “é a localização nos espaços da nossa intimidade”<sup>75</sup>. Além disso, Steinbeck apresentou uma vida repleta de sentidos, que ninguém além dos meeiros podiam sentir verdadeiramente:

O senhor não está comprando só velharias, está comprando vidas arruinadas. Mais, o senhor está comprando amargura. Comprando um arado para esmagar seus próprios filhos, comprando aquilo que poderia salvar-lhe alma(...). O senhor está comprando uma meninazinha entrançando a crina deles, tirando a fita dos cabelos dela para amarrá-la na crina dos cavalos, uma meninazinha de cabecinha encostada no pescoço dos animais, de cabeça erguida, roçando-lhes o focinho no rosto dela. O senhor está comprando anos de árduo labor, lides de sol a sol; está comprando uma mágoa que não se pode expressar. Mas olhe,

<sup>72</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fonseca, 1993. p. 24.

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>74</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 62.

<sup>75</sup> BACHELARD, Gaston. *Op. cit.*, p. 29.



seu: há uma coisa que vai junto com esse montão de troços que comprou, junto com esses bois tão lindos – é uma carga de amargura que crescerá na sua casa e ali florescerá um dia. Nós poderíamos salvar o senhor, mas senhor nos desprezou, esmagou-nos, e cedo também será esmagado e então nenhum de nós estará aqui para salva-lo.<sup>76</sup>

Tudo fazia parte do meeiro, e ao perder a sua terra, a casa e seus objetos sentiram como se estivessem tirando uma parte dele, um órgão. Bachelard considera que os objetos que compõem a casa são mais que objetos: “Sem esses ‘objetos’ e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma intimidade”<sup>77</sup>. Com isso, podemos perceber que os “restos desprezados”, não eram apenas objetos sem importância. Ao contrário, representavam o espaço da intimidade, que não poderia ser recuperado em alhures. A casa e os objetos pareciam ter adquirido vida ao terem entrado em contato com a família, viraram órgãos que até poderiam ser trocados por outros, mas, não teriam a mesma essência. Pois não se perdia apenas uma casa e seus objetos, mas a história de uma vida, as alegrias e os sofrimentos.



<sup>76</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 108.

<sup>77</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*, p. 91.

#### 4. OS DESTERRADOS DA AMÉRICA

Em *As Vinhas da Ira*, percebemos que John Steinbeck procurou narrar um período de desespero e de miséria – todo o sentimento de dor, perdas irreparáveis e ao mesmo tempo uma esperança inexplicável –, envolvendo-o num tom bíblico. A família Joad representava o sofrimento que permeava a vidas dos meeiros, que estavam em busca da Terra Prometida, a Califórnia.

Como tantas famílias de meeiros, os Joad era uma família extensa, que vivia para terra e só tirava dessa o que lhes era de direito e nada mais que ultrapassasse as suas necessidades. Mas como muitas regiões do centro-oeste dos Estados Unidos, nas redondezas de Sallisaw, em Oklahoma, as terras também estavam sendo castigadas pela seca e vendavais, e sendo ocupadas pelos tratores. O sol lançava a terra raios mais fortes crestando toda a superfície, tornando-a mais pálida e sem vida. Junto com o sol vinham os vendavais avassaladores, que cobriam toda a plantação. O autor descreve esse ambiente desolador:

Pouco a pouco, o céu escurecia com a poeira e os ventos mais e mais mergulhavam nos caminhos e se elevavam em nuvens de pó. E o vento se tornou mais forte. A terra crestada fragmentou-se, e a poeira se ergueu dos campos projetando-se no ar como nuvens de fumaça cinzenta. Chocavam-se os grãos maduros, emitindo sons secos, crepitantes. Entre uma rajada e outra pousava de novo a poeira grossa; a mais fina flutuava, porém, sendo levada pelo vento.<sup>78</sup>

*Como em? sobre qual livro de Steinbeck?*

Toda a substância que havia na superfície da terra estava se exaurindo. Mas, para Steinbeck esse processo ocorria devido à atividade humana. Podemos ver sua indignação em relação ao mau uso da terra também no seu artigo jornalístico, *Os americanos e a terra*, onde ele fez uma crítica as atividades dos primeiros colonos:

Já pensei muito sobre a selvageria e a insensatez com que nossos primeiros colonos chegaram a este rico continente. Vieram como se ele fosse um inimigo, o que era mesmo. Queimaram as florestas e mudaram as chuvas; varreram os búfalos das planícies, explodiram os rios, puseram fogo no capim e passaram foice impiedosa na madeira virgem e nobre. Talvez sentissem que o continente era ilimitado e jamais poderia se exaurir, e que um homem poderia mudar-se para novas maravilhas infinitamente.<sup>79</sup>

<sup>78</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 6.

<sup>79</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: ensaios selecionados*, p. 433.

Os primeiros colonos, de acordo com Steinbeck, não tomaram os cuidados necessários para manter a utilidade da terra. Além disso, com a utilização do arado os colonos tiraram toda a proteção do solo, tornando-a indefesa perante as forças da natureza. O curso da natureza estava sendo alterado pelo próprio homem. Mas, além desse mau uso, Steinbeck, também ressaltou em *As Vinhas da Ira*, como já foi dito, a mecanização dos campos que despojou o homem dos meios de produção e de subsistência. A indústria e a máquina surgiram para atender as necessidades do gênero humano, que crescia progressivamente. A mecanização dos campos mostrava a ampliação do sistema já vigente na sociedade americana. No entanto, a máquina que dava ao homem o poder de dominar a natureza, concomitantemente, o subjugava. Ao vencer a natureza, o homem perdeu não só uma relação íntima com a natureza, mas também o poder de organizar a sua própria vida. A máquina, segundo Maria Stella M. Bresciani, conferiu ao homem “a sensação de ter a sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido”<sup>80</sup>. Os tratores não tiraram só a capacidade do meeiro de produzir com suas próprias mãos o meio de subsistência, mas tirou também sua liberdade de ação.

Os moradores de Oklahoma, Kansas, Arkansas e Texas não tiveram outra alternativa, então, partiram em busca da Terra Prometida, a Califórnia. ~~É~~ A Highway 66, segundo Steinbeck, foi a estrada principal que serviu de caminho para todas as famílias em êxodo, que fugiam dos vendavais de poeira e do “trovejar dos tratores”. O autor a descreveu no seguinte trecho:

Highway 66 – longa faixa de concreto armado que corta as terras, ondulando suavemente, para cima e para baixo, no mapa, do Mississippi a Bakersfield – atravessa as terras vermelhas e as terras pardas, galgando as elevações, cruzando as Montanhas Rochosas e penetrando no luminoso e terrível deserto e, cruzando o deserto, torna a entrar nas regiões montanhosas até alcançar os férteis vales da Califórnia.<sup>81</sup>

Essa foi a trajetória seguida por uma multidão de migrantes, como os Joad, que fugiram dos arredores de Sallisaw, Oklahoma. Contudo, o narrador nos dá a entender que os Joad esperavam um messias para guiá-los, o filho mais velho, Tommy Joad que acabara de ser solto do presídio. Tom havia sido preso por ter matado um homem num baile. Ambos estavam bêbados e deixaram seus instintos naturais os dominarem. Steinbeck apresentou esse<sup>1</sup> messias,

<sup>80</sup> BRESCIANI, Maria Stella M. Máquina, multidões, cidades e perdas. In: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História contemporânea através de textos*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2001. v. 5, p. 45.

<sup>81</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 147.

todavia, como um homem movido por seus impulsos naturais, que não procurava explicações profundas para o que acontecia ao seu redor, apenas vivia cada momento de acordo com seus instintos e deixando que o destino o levasse.

Mas com eles também ia o ex-reverendo Jim Casy, que procurava entender o que acontecia àquela sociedade e tentava compreender as causas das situações que a afligiam. Nos parece o porta voz do autor, que afirmava: “o Espírito não reside mais na minha gente; pior que isso: o Espírito não mais reside em mim”<sup>82</sup>. O ex-pregador não conseguia entender porque, quanto mais rezava e levava a palavra de Deus aos seus fiéis, mais ele e seus fiéis se deixavam levar pelos seus pensamentos e atitudes mais pecaminosas, e ainda indagava-se: “O caso é que quanto mais graça divina uma moça obtém, mais rápido ela quer ir pro mato”<sup>83</sup>. Podemos observar, entretanto, que o autor procurou fazer àquela sociedade refletir sobre o que estava acontecendo com as pessoas, não como fiéis que pecavam, mais como seres humanos. E que o bem e o mal, são características inerentes dos seres humanos, que dependia de cada um decidir o que era bom ou ruim. O ex-pregador Casy observou: “Não existe pecado, nem virtude. Só existe aquilo que a gente quer fazer. Tudo faz parte de uma coisa. Algumas coisas que a gente faz são boas e outras não prestam, mas isso está na cabeça”<sup>84</sup>.

Um discurso que observamos em outra obra, *Vidas Amargas* (1954), que ganhou uma versão cinematográfica, dirigida pelo diretor Elia Kazan. Na produção Kazan se enfocou no conflito entre os irmãos Caleb e Aron – que parece o conflito entre Caim e Abel. Steinbeck apresentou neste romance o conflito entre o bem e mal no âmbito interno de cada ser humano, pois Cal estava possuído pelos seus sentimentos mais mesquinhos – pela raiva, inveja e cobiça. Não se tratava de uma força externa que o levava a ter atitudes inimagináveis, mas sim de seus desejos e aflições internas que se manifestavam de maneira degradante.

Os Joad se lançaram às estradas cada um com seu sonho e desejo, mas, principalmente, com a esperança de uma vida melhor. Para essa grande empreitada compraram um Hudson-Super-Sixes, geringonça velha que tinha uma aparência estranha, o autor a descreve como: “um caminhão de bordas altas, porém muito estranha, porque a frente era de um seda, cuja a carroceria fora substituída por uma de caminhão”<sup>85</sup>. Mas comportava todos os utensílios que necessitavam, contudo, Steinbeck nos faz pensar que eram verdadeiras arcas onde subia com eles uma mistura de gente, cachorro e galinha.

---

<sup>82</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 26.

<sup>83</sup> Ibid., p. 28.

<sup>84</sup> Ibid., p. 30.

<sup>85</sup> Ibid., p. 87.

Os meeiros seguiam os mapas e seus instintos. Rodavam o dia inteiro, às vezes sozinhos; com o passar da viagem conheciam outras famílias na mesma situação, e se uniam pela estrada. Ao anoitecer, procuravam um lugar que tivesse água e que fosse seguro para descansar. Mas, às vezes, paravam no meio da estrada mesmo, quando os carros velhos enguiçavam e eles já não tinham dinheiro para comprar outra peça e muito menos para comer.

A caminhada, então, à Califórnia mostrava aos poucos a dura realidade que os meeiros enfrentariam. A morte do avô foi o primeiro sinal de uma mudança irreparável. Ao ser tirado de suas terras avô já não sentia a vida em seu corpo: “O avô não morreu esta noite; já estava morto quando nós tiramos ele de casa”<sup>86</sup>, testemunhou ex-pregador Casy. Os Joad compreendiam que a separação do homem de seu lugar era insuportável, e como observa, ainda, Edward Said, na sua obra *Reflexões sobre o exílio*: “O exílio é uma fratura incurável entre um ser e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”<sup>87</sup>. Despojados de seu meio de sobrevivência, os meeiros foram obrigados a lançarem-se às estradas, com a esperança de encontrarem um lugar para recomeçarem. Mas, para os mais velhos, como o avô e a avó, suas vidas estavam ligadas as terras que nasceram e viveram, não havia como eles recomeçarem, ali estava cravada toda a história de suas vidas: “O avô e as terras de vocês eram a mesma coisa”<sup>88</sup>, afirmou Casy. Ou seja, o autor tentou mostrar àquela sociedade o quanto desumano era o processo que se instalava nos campos agrícolas, pois privava o meeiro de sua identidade, de toda sua história.

Mas os meeiros sentiam que as mudanças ocorridas nesse período eram mais que uma transformação no modo de produção. Através do ex-pregador Casy, Steinbeck, nós dá a impressão que os meeiros entendiam que a grande caminhada que enfrentariam era necessária:

Estamos sempre a caminho. Sempre indo. Por que é que ninguém pensa sobre isso? É um movimento que não acaba nunca. O pessoal anda, anda sempre. Nós sabemos por que, e sabemos como. Caminhamos porque somos obrigados a caminhar. É o único motivo por que todos caminham. Porque querem alguma coisa melhor do que têm. E caminhar é a única oportunidade de se obter essa melhoria. Se querem e precisam, têm que ir buscar. A fome tira o lobo da toca.<sup>89</sup>

<sup>86</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 182.

<sup>87</sup> SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

<sup>88</sup> STEINBECK, John. Op cit., p. 182.

<sup>89</sup> Ibid., p. 159.

8

Para Steinbeck, homem está sempre caminhando, buscando se desenvolver, mesmo que as conseqüências dessa não seja, no todo, das melhores. A mecanização dos campos destruiu todo um estilo de vida e levou os meeiros a buscarem novos horizontes. No entanto, eles teriam que criar ou definir novos estilos de vida, que se enquadrassem no ambiente que estava se formando. A situação pedia que os meeiros tomassem uma decisão e eles compreendiam que deviam partir.

A estrada passou a ser o lar dos Joad, e parecia que quanto mais eles avançavam, mais a terra se tornava maior. Mas, pouco a pouco, iam se adaptando ao novo modo de vida. A estrada agora testemunhava todas as angustias e as aflições dos meeiros. Os migrantes se arrastavam pela Highway 66 durante o dia e ao anoitecer procuravam se abrigar onde havia água (um rio, uma correnteza, etc), uma terra plana para armar as tendas, que tivesse galhos ou lenha para acenderem uma fogueira. E se fosse perto de um lixão era melhor ainda, pois deste podia se aproveitar muita coisa. Assim, se formava um pequeno mundo, onde todos compartilhavam as mesmas aflições: a dor de ter deixado a terra natal e a esperança de uma vida melhor na nova terra. E em meio a tanta desespero e miséria, Steinbeck nos apresentou um mundo que tinha as suas regras. Um estatuto estabelecido pelos próprios homens, que era tão rígido quanto os estabelecidos pelo Senhor:

As famílias aprendiam quais as leis que deviam observar – as leis da vida privada nas tendas, as leis do encerramento do passado no coração, as leis de ouvir e calar, as lei de aceitar ou recusar um auxílio, de oferecer auxílio ou recusa-los; as leis de um filho fazer a corte a uma moça e as de uma filha aceitar a corte de um rapaz; as leis que permitiam dar de comer a um faminto; as leis das mulheres grávidas e dos enfermos, que sobrepujavam todas as outras.<sup>90</sup>

Steinbeck nos passa a concepção de que é a natureza do homem que fala mais alto, por mais que ninguém o ensine, ele sabe que um mundo precisa de regras e que cada momento pede uma nova regra ou o aperfeiçoamento da mesma. Edward Said, ainda, afirma que no exílio: “Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar”<sup>91</sup>. Mas, o autor nos fez perceber ainda, que esse novo mundo não era constituído só de regras, mas de um sentimento mais profundo, o da solidariedade:

<sup>90</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 244.

<sup>91</sup> SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios*, p.54.

E à noite acontecia uma coisa estranha: as vinte famílias tornavam-se uma só família, os filhos de uma eram filhos de todas. A perda de um lar tornava-se uma perda coletiva, e o sonho dourado do Oeste um sonho coletivo. E podia acontecer que uma criança enferma enchesse de pena os corações de vinte famílias, de cem pessoas; que um parto numa tenda mantivesse cem pessoas em silêncio e em expectativa durante uma noite, e que a manhã seguinte encontrasse cem pessoas felizes com o êxito do parto de uma estranha.<sup>92</sup>

O narrador demonstrou que todos procuravam compensar a perda profunda que sofreram, organizando um novo mundo. Um mundo de almas despojadas de suas histórias e sonhos, mas que ainda possuía uma força interior maior que as complexas e medíocres circunstâncias da vida. Podemos observar que Steinbeck tinha uma grande admiração nas pessoas simples, pois eram em meios às adversidades da vida que estas mostravam a grandiosidade do ser humano. No artigo jornalístico, *Uma cartilha dos anos 30*, ele afirmou: “Gostei daquela gente. Tinha qualidades de humor e coragem, criatividade e energia que me atraíram. Achei que se tínhamos um caráter e um gênio nacionais, eram os dessa gente que começaram a ser chamada de ‘Okies’. Como tudo contra eles, sua bondade e força sobreviveram, e ainda sobrevivem”<sup>93</sup>.

Mas, o autor também apresentou um discurso permeado por um sentimento solidariedade em *Boêmios Errantes* (1935), através dos paisanos. Apesar desses paisanos agirem na maioria das vezes movidos por seus sentimentos mesquinhos, eram capazes de atitudes louváveis – como a atitude dos paisanos de ajudar a senhora Teresina Cortez, seus oito filhos e sua velha mãe, uma família que sobrevivia de *tortilhas* e feijão. Ao descobrir que essa família passava dificuldades, devido a um aguaceiro que havia estragado a colheita de feijão, João Maria e seus companheiros se empenharam com toda a sua alma para socorrê-los. Steinbeck apresentou um grupo de fracassados e fanfarrões que não hesitavam em ajudar o próximo, afirmando: “Não ficaram na conversa fiada. Recolheram peixes. Incursionaram nos restos de verduras do Hotel Del Monte. Foi uma batalha gloriosa. Aquela pilhagem fora um crime cometido altruisticamente... havia recompensa maior?”<sup>94</sup>. Apesar dos paisanos ajudarem essa família cometendo todo tipo de infrações, observamos que o autor também tentou chamar a atenção para o lado humano dos indivíduos.

Milhares de meeiros caminhavam na mesma direção e com o mesmo objetivo, uma vida melhor. E a solidariedade parecia que era o sentimento que os unia diante de toda tristeza. Acreditavam, que as terras ricas da Califórnia dariam trabalho para todos e, que não

<sup>92</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 243.

<sup>93</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: ensaios selecionados*, p. 46.

<sup>94</sup> STEINBECK, John. *Boêmios errantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, [s.d.]. p. 168.

faltariam colheitas para todos trabalharem – colheitas de frutas, verduras e de algodão. Mas, o autor ressaltou que centenas de famílias se dirigiam para o Oeste. Os meeiros sentiam alguma coisa, seguiam desassossegados como se algo fosse acontecer. Através do reverendo Casy, Steinbeck, observava:

Alguma coisa vai acontecer, e o pessoal está com histórias. Essa gente, essa que bota um pé diante do outro, como você diz, não pensa no que está fazendo. Está certo. Mas todos eles esticam os pés na mesma direção. E se você prestar atenção, ouve-os mover-se, sente-os rastejar, sussurrar, desassossegados. Há coisas que acontecem sem que toda essa gente em movimento possa perceber, pelo menos por enquanto. Vai acontecer alguma coisa que mudará tudo.<sup>95</sup>

Os meeiros não sabiam o que os esperavam na nova terra, mas pareciam pressentir algo de errado. O ex-reverendo Casy procurava sempre refletir e compreendia que não era uma força maligna atormentando a vida daquela gente simples, então, afirmava: “Mas agora é uma outra coisa muito pior que o demônio o que está dominando o país, uma coisa que não acabará enquanto a gente não acabar com ela”<sup>96</sup>. Havia algo que eles não podiam explicar para eles mesmos. Ao mesmo tempo, os grandes proprietários também sentiam que haveria uma mudança. Todavia, de acordo com o autor, não compreendiam a sua origem.

Os Joad seguiam destemidamente pelas estradas vencendo o cansaço e pelejando contra as forças do destino. Steinbeck demonstrou a desintegração da família pela estrada. Ao mesmo tempo em que essa unia várias famílias, com um único espírito, conseqüentemente, também gerava uma força destrutiva. Mas nos parece que não havia como escapar da força que acometia as vidas desses meeiros era mais forte e devastadora que as ondas do mar. Levava, um por um, para suas profundezas sem os deixar respirar por um instante. A família já não era a mesma desde que deixaram suas almas na terra natal.

Uma caravana de espoliados, então, inundavam a Califórnia. Eles já não possuíam nada, nem um pedaço de pão e muito menos dinheiro para comprar alimento para seus filhos. Trabalhadores que só queriam um pedaço de terra para plantar e ter comida, e nada mais. E ao se depararem com o grande vale da Califórnia, pensavam que tinham chegado ao paraíso: os vinhedos, uma fileira de árvores e casinhas brancas; campos de trigo, com cor de ouro; fileiras de pessegueiros e de laranjeiras, etc. Mas, como observou Steinbeck, este grande vale já tinha dono, os grandes proprietários – que um dia também tiveram que vencer a natureza para

---

<sup>95</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 218.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p.160.



poderem sobreviver –, que acumulavam uma imensa quantidade de terras: “todos os seus amores eram medidos a dinheiro, e toda a sua impetuosidade se diluía à medida que seu poder crescia, até que nem mais fazendeiros eram os meeiros, apenas homens de negócios, pequenos industriais, que tinham que vender antes de ter produzido qualquer coisa”<sup>97</sup>. Já tinham tudo que desejavam – uma terra para semear e matar a fome, um céu azul, a relva verde que a rodeava – e não olhavam e nem sentiam mais a natureza como antes. Contudo, agora, não trabalhavam a terra com suas próprias mãos, se limitavam aos papéis e aos cálculos.

A região da Califórnia já se encontrava dominada pelas grandes corporações e toda a sua produção agrícola direcionava-se à acumulação de capital, como podemos observar na seguinte passagem: “as colheitas eram calculadas em dólares, e as terras eram avaliadas em capital mais juro, e as colheitas eram compradas e vendidas antes mesmo que tivessem sido plantadas”<sup>98</sup>. As propriedades cresciam vertiginosamente e, concomitantemente, a classe dos fazendeiros reduzia-se. O narrador observou que os fazendeiros já haviam esquecidos o cheiro da terra, o soprar dos ventos em suas casas e o gorjear dos pássaros no alvorecer. Não viam mais suas fazendas com satisfação de estar ligado a natureza. Agora, elas não passavam de um meio de obter lucro. Além disso, o autor chamava a atenção para a concentração das terras em poucas mãos, afirmando: “pois que a qualidade da posse cristalizou-se para sempre na fórmula do ‘Eu’ e sempre te isolarás do ‘Nós’”<sup>99</sup>. Por sua vez, os meeiros que vinham em milhares, não passavam de uma mão-de-obra barata, que ao terminar o serviço deveriam sumir de suas terras.

Os meeiros, então, chegavam esfomeados e ávidos por um trabalho. Uma caravana de desabrigados na procura de um lar, mas só encontravam miséria, ódio e desprezo no vale agrícola mais produtivo dos Estados Unidos. Procuravam, então, se abrigar nas cidades de maltrapilhos, os *Hooverville* – acampamentos de posseiros que invadiam toda a Califórnia. No artigo jornalístico intitulado *Os ciganos da colheita: acampamento de posseiros*, Steinbeck, descreveu com uma realidade desconcertante esses acampamentos:

Localiza-se nas margens de um rio, perto de um canal de irrigação ou numa estrada secundária onde haja alguma fonte d’água. De onde parece um depósito de lixo, e não admira, já que os depósitos de lixo são a fonte do material com o qual é construído. A gente vê um monte de trapos sujos e ferro

---

<sup>97</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 287-288.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 287.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 189.

velho, de casas feitas de mato, de latas amassadas ou papel. Só chegando perto é que se pode ver que são lares <sup>100</sup>.

Sem um centavo no bolso os meeiros não tinham como pagar aluguel, todo o dinheiro era destinado à alimentação da família. Então, milhares de famílias se amontoavam nos acampamentos para posseiros, a margem de algum curso d'água – de onde tiravam água para beber, para tomar banho, para lavar roupa e despejar o lixo. Assim, formando, um ambiente propenso a epidemias, que se alastravam sem muita dificuldade num agrupamento onde milhares de crianças já se encontravam debilitadas pela fome. Segundo o autor, as famílias recém chegadas montavam suas tendas e procuravam manter uma certa organização, pois ainda lhes restavam um pingo de orgulho e dignidade. Saíam com seus carros velhos à procura de emprego, às vezes, rodavam o dia inteiro sem sucesso, gastando o pouco da gasolina que restara da viagem.

Com o tempo, segundo Steinbeck, via-se aos olhos nus a metamorfose que a família sofria. As moscas invadiam a tenda, as mesmas que encobriam as fezes no capão de salgueiros perto do acampamento. As roupas imundas viravam farrapos e seus donos se transformavam em zumbis. As crianças com a barriga inchada, pela desnutrição, iam definhando aos poucos. Mães grávidas passavam dias sem comer, e seus bebês já nasciam mortos. Com isso, um entorpecimento tomava conta de seus já delgados corpos. Nos registros dos legistas se preenchia “causa da morte”: “desnutrição”. Nenhuma pessoa podia morrer de fome no vale agrícola mais rico do país, como podemos ver na descrição feita por Steinbeck, no artigo jornalístico *Fome sob as laranjeiras*: “Desnutrição significa ficar sem certos alimentos essenciais e levar muito tempo para morrer, mas a fome significa nenhuma comida”

<sup>101</sup>

Além de enfrentarem a fome nos acampamentos de posseiros, os meeiros tinham que agüentar a fúria dos policiais e dos contratados das grandes fazendas. Os policiais chegavam junto com os contratados, ofereciam trabalho, mas se o meeiro ousasse reivindicar algum direito era acusado de ser um “maldito vermelho” que só provocava a desordem. O autor alertou, “as grandes companhias estavam trabalhando para sua própria ruína. Os campos estavam prenhes de frutas, mas nas estradas marchavam homens que morriam de fome” <sup>102</sup>. Os fazendeiros, em vez de cuidar da gente que os tornavam mais rico, se equipavam de carabinas, em espíões, em bombas de gás e listas negras. Mas, além de toda essa miséria e

<sup>100</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: e ensaios selecionados*, p.106.

<sup>101</sup> *Ibid.*, p.111.

<sup>102</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 353.

intimidação, os meeiros ainda se deparavam com o desprezo das comunidades onde se instalavam. Okies imundos e miseráveis que só traziam doenças e medo à região bonita da Califórnia. Eram uns invasores que queriam tomar a terra e o trabalho da gente “descente”:



Okies... Os proprietários odiavam-nos porque sabiam que eram covardes e que os Okies corajosos... E os donos das casas comerciais das cidades odiavam-nos também, pois eles não tinham dinheiro para gastar... os homens das cidades, pequenos banqueiros, odiavam os Okies porque eles nada lhes deixavam ganhar... E os trabalhadores odiavam os Okies porque um homem esfomeado tem que trabalhar e não tem onde trabalhar, automaticamente trabalha por um salário menor, e aí todos têm que trabalhar por salários menores.<sup>103</sup>

Meeiros chegavam à região da Califórnia esfomeados, com mulher e filhos magros, olhavam para os campos em pousio e viam a oportunidade de produzir para comer. Mas, estas terras já tinham donos, californianos que visavam o lucro e o luxo. Assim, as fazendas eram guarnecidas por guardas, equipados com carabinas, que tinham a função de patrulhar e não deixar ninguém se apoderar de uma única fruta. O vale mais rico dos Estados Unidos tornava-se a terra, contraditoriamente, dos esfomeados e da miséria.

Mas, para as crianças o desprezo da comunidade era mais cruel. Os pais as matriculavam na escola, mas elas não gostavam de ir. O caçula dos Joad, Winfield, reclamava: “Eu não quero ir na escola. A Ruthie também não quer ir. A gente viu as crianças que vão na escola. Elas não prestam. Diz que a gente é Okie”<sup>104</sup>. Não suportavam ver as outras crianças bem vestidas e com seus lanches. Sofriam com o desprezo dos outros alunos e dos professores. No artigo *Os ciganos da colheita: acampamento de posseiros*, Steinbeck, relatou a situação: “As crianças mais bem vestidas gritam e caçoam, os professores com muita frequência ficam impacientes com esses acréscimos aos seus deveres e os pais das crianças ‘decentes’ não querem ter transmissores de doenças nas escolas”<sup>105</sup>. No entanto, o narrador demonstrou que havia um pouco de esperança quando se instalavam nos acampamentos estaduais e federais; os meeiros encontravam até uma certa dignidade: instalações sanitárias, lugares para armarem suas tendas em ordem, água quente, lavanderia e um salão para suas festas. No acampamento Weedpatch, os Joad, achavam que estavam no paraíso onde todos se ajudavam e eram tratados com respeito. As crianças eram bem cuidadas, enquanto os pais trabalhavam sempre tinha alguém para tomar conta delas. Havia um comitê que procurava

<sup>103</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 289-290.

<sup>104</sup> *Ibid.*, p.469.

<sup>105</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: e ensaios selecionados*, p. 107.

sempre ficar a par da situação de todas as famílias e procurava sempre dar apoio. Quando a família não conseguia trabalho, podia comprar no armazém até poder pagar ou trabalhava no próprio acampamento. Todos os sábados uma banda, do próprio acampamento, animava os meeiros e os convidados da região. E a senhora Joad e família sentiam que estavam com sua própria gente, que ali as pessoas eram tratados como deviam:

Nós somos os Joad – falou. – Nunca baixamos a cabeça pra ninguém. O avó de nosso avó combateu a revolução. Então... então veio aquela gente! Que mal eles faziam! Cada vez que vinham, parecia que tavam dando em mim... em todos nós. Depois, aquela polícia, em Needles. Ela também me fez sentir mal. Eu me sentia miserável, me sentia com vergonha. Essa gente aqui é gente nossa. O diretor sentou comigo e tomou café comigo e disse: ‘Senhora Joad’, ‘Como vão as coisas, senhora Joad?’... – Pois é isso, voltei a me sentir gente...

106

No entanto, era ali que os grandes fazendeiros viam o perigo. Segundo Steinbeck, o homem que anda só não tem coragem para reivindicar e nem forças para se levantar. Mas dois homens juntos unem forças, um ajuda o outro a se levantar. Os acampamentos estaduais e federais eram o grande mal para os grandes proprietários, que deviam ser rechaçados o quanto antes. Contudo, o autor ressaltou que ali não se encontrava só escravos, mas sim americanos, que se refugiavam da calamidade provocada pelo mau uso das terras. Meeiros que foram expulsos de suas pequenas fazendas e que tinham a esperança de comprar uma terra no novo lar. Agora, os fazendeiros não estavam lidando com o “perigo amarelo”, mexicano ou filipino, era a sua própria gente que estava pedindo ajuda, o autor advertia: “A gente não é estrangeiro. Sete gerações de americanos, e antes disso irlandeses, escoceses, ingleses, alemães temos em nosso passado”<sup>107</sup>. Ao contrário dos estrangeiros, esses emigrantes traziam mulheres e filhos, e alguns pertences, chegavam esfomeados e com a esperança de adquirir um lar. Não se tratava de um estrangeiro, que eles podiam expulsar os acusando de revoltosos e de quererem criar a desordem na comunidade de gente “decente”. Tratava-se de homens – que tinha um lar, um pedaço de terra ou uma pequena mercearia – que viam as terras como meio de produzir alimento e de se viver dignamente. Para os meeiros o pecado era não cultivar uma terra que podia dar muito alimento para várias famílias.

Com isso, o autor alertava que crescia o ódio de ambos os lados. Os proprietários tinham ódio da própria gente que trabalhava nas suas terras e os tornavam mais ricos. E ao

<sup>106</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 384.

<sup>107</sup> *Ibid.*, p. 289.

mesmo tempo medo, pois sabiam que os meeiros tinham coragem – que um dia seus avós tiveram ao chegarem nessas terras. Nos meeiros, por sua vez, crescia uma raiva em seus corações. Steinbeck, então, afirmou: “A dignidade já se foi e a força de vontade transformou-se em raiva ressentimento antes de morrer”<sup>108</sup>. A expulsão de suas próprias terras e as estradas, já havia lhes alterado a alma. E o ambiente hostil passou a os impulsionar para uma única direção. Aos poucos, os meeiros foram compreendendo a verdadeira razão de toda aquela atmosfera negra que pairava em suas vidas e, que a única maneira de afastar as nuvens negras era se unindo. O filho mais velho dos Joad, Tom, observou: “Melhor é estarem dois juntos que estar um sozinho, porque eles receberão boa recompensa pelo seu trabalho. Se um cair, o outro o erguerá; aí do que está só, porque quando cair não têm quem o levante”<sup>109</sup>.

Diante de todas essas adversidades, percebemos que o autor não fazia apenas um protesto da situação de miséria que àquela sociedade obrigava essa gente simples viver. Mas também tentava alertá-la para um processo desumano que estava ocorrendo mais uma vez. Steinbeck percebeu como Marx que “a negação do direito da propriedade” e o direito de propriedade é senão “o direito de egoísmo”<sup>110</sup>. A desvalorização do trabalho humano em prol de uma minoria, mostrava que o interesse dos fazendeiros era a mão que impulsionava o sistema vigente. Contudo, a partir do momento que os meeiros começassem a tomar consciência, da situação e de suas alienações, agiriam para se libertarem de tudo que os aprisionassem.

Além disso, enfim, o autor mostrou que todas as dificuldades que os meeiros passavam não só despertaria sua consciência como trabalhador, mas também os fortaleceria como seres humanos, como podemos perceber na seguinte afirmação da senhora Joad: “Me parece que tudo que a gente faz deve ter continuação. Eu penso assim. Mesmo a fome..., mesmo a doença. Alguns morrem, mas os que sobram se tornam mais fortes. O que você tem que fazer é viver apenas o dia de hoje, de dia para dia”<sup>111</sup>. Ou seja, a miséria e as dificuldades se tornariam um elo para uni-los e fortalecê-los.

---

<sup>108</sup> STEINBECK, John. *América e os americanos: e ensaios selecionados*, p. 107.

<sup>109</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*, p. 556.

<sup>110</sup> MARX, Karl apud. CHAMBRE, H. *De Marx a Mao-Tse-tung*: introdução crítica ao marxismo-leninismo

<sup>111</sup> STEINBECK, John. Op. cit., p. 533.

## CONCLUSÃO

Jonh Steinbeck apresentou no romance *As Vinhas da Ira* (1939) mais que a descrição de uma crise no sistema econômico na sociedade norte-americana na década de 1930. Ocorreu um processo de mutabilidade não só do sistema econômico, mas também das relações do indivíduo com o mundo circundante. O novo ritmo dado pelo sistema econômico capitalista vinha modificando toda uma relação antes estabelecida entre o trabalhador agrícola e a terra, desde a década de 1920.

Como observamos, a apropriação e o domínio do espaço agrícola ganharam outro significado. A produção agrícola, ao perseguir objetivos monetários, transformou as terras e as colheitas com um meio de maximizar os lucros. A terra não representava mais um espaço para habitar, produzir o meio de subsistência e para o meeiro desenvolver suas atividades individuais e capacidades, mas sim o espaço onde as grandes corporações transformavam as colheitas em dólares e os indivíduos em mercadorias. Com isso, os avanços tecnológicos, a indústria, as máquinas e as novas formas de gerenciamento nas indústrias foram cruciais para novo ritmo dado pelo sistema capitalista. O aperfeiçoamento dos meios de produção era essencial para um sistema que ganhava cada vez mais uma dimensão internacional.

Além disso, o autor também procurou chamar a atenção daquela sociedade para a desumanização do sistema produtivo sobre as pessoas. A partir do momento que o trabalho agrícola se transformou em mercadoria, o meeiro deixou de ser visto como um homem, dotado de habilidade e capacidade, e passou a ser tratado como uma máquina parcial destinada a dar lucro aos fazendeiros. Uma máquina que deveria ser subjugada de acordo com os desejos do seu dono. Para Steinbeck, o novo ritmo proporcionado pelo sistema econômico capitalista desencadeou numa alienação não só na relação do homem com os meios de produção, mas também em relação a ele mesmo e ao outro. Ou seja, a alienação no regime capitalista era um fato geral, de modo que toda a sociedade se encontrava subjugada àquele regime.

Ainda na percepção de Steinbeck, as modificações dos meios de produção provocaram uma desarticulação social mais profunda. A terra antes trabalhada pelas famílias representava mais que um espaço de produção, atividade humana. Era o espaço onde o meeiro podia sentir, pensar e sonhar. A terra e a casa, não significavam só um espaço habitável, onde ele desenvolvia sua atividade produtiva e se protegia das forças da natureza, mas também o espaço onde o meeiro construía sua identidade. Era através das suas relações com a terra e a

casa, que ele dava sentido a vida. A sua relação com o espaço habitado se manifestava todos os dias, no plano externo e também no plano interno. Ou seja, para o autor havia uma ligação entre o espaço externo e interno. O espaço físico, a terra e a casa eram sentidos e apropriados pelo meeiro não só através de suas atividades produtivas e cotidianas, mas também do plano imaginário. Um espaço da intimidade que dava ao mundo físico um universo de sentidos, onde só o meeiro poderia decifrar. Por isso, compreendemos que os meeiros não estavam sendo desapropriados apenas em relação ao espaço palpável, mas também da sua vida em todos os sentidos.

Em meio a tanto sofrimento, contudo, Steinbeck tentou mostrar que o sentido da humanidade não estava perdido. Além de o autor ter feito alusão aos sentimentos de solidariedade e compaixão, demonstrou que toda aquela atmosfera de perda, miséria e hostilidade tinham um propósito; isto é, as dificuldades e a pobreza serviam não só para reunir os meeiros numa única “grande alma”, mas também para fortalecê-los como seres humanos.

Em *As Vinhas da Ira* o autor apresentou uma leitura totalmente engajada, preocupada em despertar a consciência dos leitores para os problemas sociais engendrados pelo sistema econômico nesse período. A importância do livro é que não se baseou somente na imaginação ou fantasia do autor, mas também em suas experiências como jornalista. Apresentou, assim, uma leitura em plena sintonia com seu tempo, revelando os fatos mais cadentes que circundavam àquela sociedade. Isso faz com que este livro forneça ao historiador não só a possibilidade de estudar um determinado período através de outra perspectiva, mas também de entrar em sintonia com o tempo do autor.

A presente produção literária não só torna possível a relação entre Literatura e História, como também abre um leque de possibilidades de análise através de outras perspectivas, isto é, para o trabalho de um historiador a presente produção sugere muitas possibilidades de análise. Por isso, devido a complexidade de sua análise deixo muitas lacunas a serem preenchidas, principalmente, em relação aos dados geoeconômicos das regiões citadas na obra. Devido à dificuldade de obter bibliografias que tratassem das questões geoeconômicas, das regiões de Oklahoma e Califórnia, não foi possível um estudo mais detalhado.

## BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fonseca, 1993.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard. **Introdução aos estudos americanos**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.
- BRESCIANI, Maria Stella M. Máquina, multidões, cidades e perdas. In: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **História contemporânea através de textos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2001. v. 5.
- CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 1. ed. São Paulo: Ed. Boitempo, 2003.
- CHAMBRE, H. **De Marx a Mao-Tse-tung: introdução crítica ao marxismo-leninismo**. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1963.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHAVES, Flávio Loureiro; BATISTA, Elisa (Org.). **Cultura regional: língua, história, literatura**. Caxias do Sul: Educ, 2004.
- DALCASTGÈ, Regina. Da senzala ao cortiço: história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro. In: **Revista brasileira de História**. São Paulo: Contexto, 2001. v. 21. n.º 42.
- DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de pascal a Sartre**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- ERA UMA VEZ NA AMÉRICA (1941). Estados Unidos: Estúdio Warner Bros, 1994 (versão DVD). Dirigido por: Sérgio Leone. Elenco: Robert De Niro, James Woods, Joe Pesci, Treat Williams.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- [http://en.wikipedia.org/wiki/Dust\\_Bowl](http://en.wikipedia.org/wiki/Dust_Bowl). Acessado no dia 23 de novembro às 00 h.
- [http://en.wikipedia.org/wiki/Dust\\_Bowl/Okies](http://en.wikipedia.org/wiki/Dust_Bowl/Okies). Acessado no dia 23 de novembro às 00:40 h.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEWIS, Sinclair. *Babbitt*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1960.
- LINK, Athur S.; CATTON, William B. **História moderna dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965. v. 2.



- MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1967.
- MITTLEMAN, Earl N. (Org.). **Panorama da Geografia dos Estados Unidos**. Washington: Agência de comunicação Internacional dos Estados Unidos, [s.d.].
- MORISON, Samuel E.; COMMAGER, Henry S. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Ed. Melhoramentos. [s.d.].
- NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry S. **Breve história dos Estados Unidos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1986. v. 39.
- O GRANDE GATSBY (1925). Estados Unidos: Studio Paramount, 2003 (versão DVD).  
Dirigido por: Jack Clayton. Elenco: Robert Ford, Mía Farrow, Karen Black, Scott Wilson, Sam Waterston, Lois Chiles.
- PARINI, Jay. **John Steinbeck: uma biografia**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ROBERTSON, Ross M. **História da economia americana**. São Paulo: Distribuidora Record, 1967.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- STEINBECK, John. **As vinhas da ira**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- STEINBECK, John. **América e os americanos: e ensaios selecionados**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- STEINBECK, John. **Boêmios errantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, [s.d.].
- VIDAS AMARGAS (1955). Estados Unidos: Studio Warner Home Vídeo, 1994 (versão DVD). Dirigido por: Elia Kazan. Elenco: James Dean, Julu Harris, Lois Smith, Raymond Massey, Burl Ives.

